

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA



ANAIIS
DO
MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

VOL. XVII

VOLUME COMEMORATIVO DO 1.º CENTENÁRIO
DA BATALHA DE TUIUTI



1967

MHN
BIBLIOTECA
134/91

BIBLIOTECA DO M.H.N.
EXEMPLAR-RESERVA

SUMARIO

OSÓRIO — Pedro Calmon	5
BATALHA DE TUIUTI SEGUNDO TESTEMUNHOS DA ÉPOCA — Umberto Peregrino	15
DE MONTE CASEROS A TUIUTI — Gen. Div. Francisco de Paula e Azevedo Pondé	37

OSÓRIO

PEDRO CALMON

SÍNTESE DA PALESTRA PROFERIDA NO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, 8 DE JUNHO DE 1966

Caxias, Tamandaré, Osório, começaram com a Independência nacional a gloriosa carreira das armas. Caxias, no *Batalhão do Imperador*; Tamandaré, na fragata de Cochrane; Osório, na legião de Lecor. O primeiro ajudou a integrar o Brasil, batendo-se nos “serros da Bahia”. O segundo contribuiu para a unidade pátria lutando naqueles “verdes mares”. Osório velou por ela nos acampamentos de Montevideu, até onde em 1824 se estendia a fronteira do império. Foram no romance de “capa de espada” das guerras de consolidação do país — os três mosqueteiros da *brasilidade*. Porque em torno deles se compôs, inevitável, a “legenda áurea”. Pela cronologia e pela epopéia, tornaram-se patriarcas: como os heróis epônimos; os “fundadores”, na verdade, de um exército e de uma armada que desde a primeira hora conceberam como a força invicta da integridade brasileira. Porque não se limitaram, como os criadores de nacionalidade, a insuflar-lhe o sopro vital: assistiram-lhe à evolução; nas convulsões internas e na guerra estrangeira deram-lhe a vitória; desapareceram quando já não se discutia a sobrevivência do Brasil. Têm, com isso, a grandeza de *condestáveis*: foram os chefes do triunfo irrevogável!

A Manuel Luis Osório o estrondo das cavalgatas atraiu desde a primeira idade. Nascido (a 10 de maio de 1808) em Conceição do Arroio, descendente de dragões do Rio Grande, afeito, menino, às lides do campo, com farda as costas mal entrou na adolescência, a sua alma de soldado se formou plasmada coincidentemente pelo meio e pela gente convi-

zinha. Pôs-se a brigar, como no romanceiro medieval ou nas sagas nórdicas os jovens paladinos — por uma imposição concêntrica da raça, do ambiente, do espírito e da História. O pai levou-o ao cêrco de Montevidéu aos 14 anos, como o levaria — se morasse na cidade — à escola. Abriu para a vida os olhos em que perpassava a centelha da poesia — domando pôtros, “de a cavalo”, boleadeira em punho, David miúdo e arrogante em face do Golias dalém-da-raia, desembaraçado, vigoroso, rústico, rigorosamente um “gaúcho”.

Inteligente, fêz os estudos essenciais no colégio primário do capitão de dragões Domingos José de Almeida, no Salto; inclinava-se às leituras; sentiu a vocação das letras; chegou a versejar com graça e inspiração. Mas o seu ideal já então era o agalado uniforme de *coronel*.

“Na minha infância — confessou um dia — apesar de não me sentir com entusiasmo pela vida militar, nada mais me impressionava do que ver um coronel de infantaria à frente do seu batalhão; eu julgava não haver mais elevada posição do que aquela. Era o Coronel, para mim, de uma grandeza sem igual”.

Na sua província — o coronel exercia sôbre a juventude sonhadora a influência que nos climas acadêmicos de São Paulo, da côrte, da Bahia, do Recife tinha o bacharel ou o doutor. Acolá, o sumo prestígio era da béca. Nas cochilhas varridas tanto pelo minuano como pela invasão — era dos bordados numa góla verde, ou num poncho-pala. Ser coronel, constituia uma aspiração ousada. Um ou outro rapaz é que cismava noutro destino, mais quieto e rendoso; e abalava, para os claustros escolares. Gaspar da Silveira Martins, por exemplo, à pergunta — do que queria ser — respondera profeticamente: ministro...

Idealizava Osório o seu futuro de galões de coronel no punho. Coronel de infantaria à testa do batalhão, ao som das fanfarras. Foi mais ambicioso “centauro” nos pampas nativos — quis ser coronel de cavalaria.

* * *

Conheceu como Vigny “grandeurs et misères” do ofício das armas. O sol nasceu e declinou no seu horizonte, entre a entrada brilhante das tropas de Lecór na praça sitiada e o combate de Sarandí. Foi onde lhe principiou a biografia

de Cid *guasca*, espada desembainhada, rasgando o seu caminho na carne do inimigo, personagem de novela cujas façanhas repetiria, nos galpões das estâncias, junto ao fogo, com exagero perdoável, a personagem de sua terra.

Perseguido, sozinho, na retirada, derrubou a tiro e coronhada os dois cavaleiros que procuravam acutilá-lo, e salvou de passagem o seu comandante, Bento Manuel, então a figura mais popular dos exércitos imperiais. Tenente, em Sarandi, e Ituzaingó, repeliu no combate de Herval (sem imaginar que ali estava o seu vocativo de seu “marquesado”) o ataque de Lavalle. Portou-se na campanha com rara bravura. Era aliás liberal. Mas não seria “farroupilha”. A sua visão ampliara-se. Não queria a “pátria chica”. Optara pela “pátria grande”. Subiu a capitão defendendo a “Legalidade”. Contra os rebeldes e contra os... ultra legalistas. Pelejou com moderação na guerra civil, que partiu ao meio a província. Por isso dela saiu imune no seu “liberalismo” inveterado. Saiu tenente coronel feito pelo pacificador — o barão de Caxias — e com honras de seu auxiliar na conciliação geral. Melhor do que isso: político; e enfim, reorganizando o 2.º regimento de cavalaria — no posto de seus sonhos.

Com o uniforme de gala de coronel comandou a guarda de honra ao Imperador em visita ao Rio Grande em 1846! *Oficial de elite* — tinha de ser pouco depois o agente de ligação dos exércitos na vasta campanha de que resultou a derrubada de Rosas. Levou-lhes a senha, para a marcha que terminou em Caseros. Foi o seu tempo de fronteiro-mor. Estabelecido em São Borja — o coronel do 2.º de cavalaria dominava com a sua vigilância a linha limítrofe. Dêle passou a depender a segurança da zona lindeira. Nessa posição avançada foi promovido a brigadeiro. Nela ganhou o baronato de Herval — dos hervais selvagens que descobriu nos sertões do Uruguai os “hervais” das Missões de São Xavier. A guerra de 1864 encontrou-o sagrado pela confiança pública como o general da vanguarda. Estava no cerco de Uruguaiana!

* * *

Quem dirigiria a ofensiva? Caxias fôra dela afastado por sua incompatibilidade com o ministério de Zacarias. O ministro da guerra, Silva Ferraz, era seu desafeto. Coube a Osório comandar o exército que de Uruguaiana se des-

locou para Corrientes: seis divisões, dos generais Argolo, Andréa, Sampaio, Guilherme de Sousa, Andrade Neves, Victorino Monteiro, além da artilharia (Mallet), da brigada ligeira do general Neto (os seus “gaúchos”), da brigada do general Bruce embarcada na esquadra que desde 11 de junho de 1865 se assenhoreara do rio. Foi a sua “oportunidade”. Até então chefiara reduzidas frações de tropa. Ia agora à frente de um poderoso exército tentar uma operação de desembarque em larga escala e, como comandante responsável, enfrentar no seu terreno a totalidade das forças contrárias. Daí por diante — a sua bizarra imagem de cabo de guerra que com um rápido olhar se apercebia instantaneamente das situações difíceis e com fogoso impeto as resolvia, estampa-se inteira no cenário platino. Mostrou-se metódico, destemido, organizador. Dando o exemplo, era temerário: o general que guia os seus soldados, indicando-lhes o rumo. Com doze homens saltou em Passo da Pátria. Tuiuti foi a maior batalha campal da América do Sul, pessoalmente ganha por êle. Os historiadores militares já fartamente o provaram. Duas circunstâncias providenciais frustraram em 24 de maio de 1866 a exata manobra envolvente do exército de López. A trincheira protetora da artilharia ao centro das linhas brasileiras — contra a qual em vão se lançou a cavalaria guaraní, forçando-a a desviar-se, sobre a ala sustentada pelo general Sampaio. E o oportuno socorro que Osório, galopando sob as balas, deu às fileiras de Sampaio imersas na carga e no fogo do inimigo esmagador. Sem aquêlre respaldo os canhões do coronel Emílio Mallet seriam inevitavelmente arrebatados das carretas pelos lanceiros que a êles se atiraram, numa tempestade de aço, com impulso irresistível. Mas sem prontidão com que se moveu Osório de um a outro extremo do campo arrastando consigo os batalhões, cairia a ala direita das linhas imperiais, e com isso, desmantelado o exército em defensiva, confluiriam os atacantes sobre a ala esquerda, inutilizando de passagem o reduto central. Tuiuti foi sua vitória. Aí celebrou-se. Como Desaix em Marengo. Não venceu apenas uma imensa batalha. Literalmente, ganhou a guerra.

* * *

Em Tuiuti, reconheceu nas suas Memórias Juan Crisóstomo Calderon, perdeu o Paraguai a fina flor de suas bravas forças. Mas como Briareu, López arrancou da terra calci-



GENERAL OSÓRIO
O Grande Vencedor de Tuiuti

nada novas e prodigiosas energias: difícil de ser abatido nos seus redutos beirinhos, entre as trincheiras de Curuzu e as baterias de Humaitá — tornou-se imprevisivelmente inexpugnável nas alturas de Curupaití. Contra elas estraçalhou-se a ofensiva comandada por Mitre. Para compensá-la entregou o Imperador o comando geral a Caxias; e Osório incumbiu-se de organizar o 3.º corpo — com a cavalaria riograndense, que faria a vanguarda da marcha de flanco. Irrompeu esta pelo Estero Bellaco para Tuicué: e daí para o Taji, envolvendo as fortificações irredutíveis de Humaitá. A esquadra às ordens de Inhaúma passou sob o fogo de duzentas peças para além da fortaleza. Condenou-a a capitular. Reconheceu Osório as obras de defesa que a protegiam — numa ação pontilhada de valentia: e à dianteira do exército de Caxias desembarcou em San Antônio e contornou a ponte de Itororó, para sair nos campos de Avaí e Vilela. Pedro Américo na sua tela gigantesca perpetuou o momento culminante da batalha de 11 de dezembro de 1868, em que uma bala trepassou o maxilar do Osório — ainda assim, impávido, a lança de ébano em punho sem querer retirar-se da refrega até a vitória. Assistiu a essa vitória sangrenta — mas teve de recolher-se à província, para se refazer da ferida grave. Podia se ter valido dessa circunstância para deixar o serviço. Mas atendeu ao apêlo do governo imperial: e com uma leva de recrutas, formando o 1.º corpo do exército, voltou a combater sob o comando do conde d'Eu. Em Peribebui, a 12 de agosto de 69, appareceu a Alfredo d'Escragnolle Taunay, que nô-lo narra nas suas reminiscências, como o anjo do triunfo. É uma página romântica. Prontos para avançar, os brasileiros esperavam que o clarim soasse. Uma expectativa ansiosa immobilizava-os, bandeiras despregadas, baionetas faiscando, destendida a tropa em longa linha de atiradores, os corações pulsando mais depressa, na solêne espera da ordem, que os lançasse para diante — o exército imperial como que presentia que um acontecimento extraordinário ia galvanizá-lo, espécie de aparição sublime, em cuja auréola fulgurasse a *promessa* do êxito... Foi quando começou a descer da colina fronteira, majestoso e lento, um cavaleiro, garbosamente montado no seu cavalo branco. Todos os olhos se fixaram naquêlê vulto. Poncho esvoaçante, lança atravessada na sela, levemente inclinado para trás, na posição arrogante do campeador, que desafia, sereno, o perigo —

o cavaleiro solitário se foi aproximando... Era como se baixasse. Havia alguma cousa de sobrenatural, naquela tranqüila descida, em ziguezague, pelo tortuoso caminho... De repente, como um único homem, bradou, num só grito, tôda a fôrça brasileira: Osório! E com um viva estentórico — saudou o general que pela última vez a comandava.

* * *

O magnetismo dessa popularidade não o abandonou mais. Cessada a campanha, o marquês de Herval continuou a ser um condutor de multidões. Como tradicionalmente sucede: em redor de sua *legenda* floresceu o mito. Era o chefe bem amado. Os soldados idolatraram-no. Contavam-se as mais divertidas anedotas da sua bonhomia, da sua simplicidade, da sua gravura. O paralelo com a rigidez disciplinar de Caxias aproveitou-lhe ao espírito democrático, à singeleza *guasca*, àquela rusticidade campônea que do “grande do império” fazia um vaqueano jovial — saudoso da sua tenda de Tuiuti — ou da “querência” missioneira. Caxias simbolizava o esclarecido exército formado na Academia Militar, com a competente ilustração profissional: era o maior dos nossos soldados. Osório não descalçara as botas do tenente de Sarandí, do coronel do 2.º de cavalaria, do general em chefe de vinte-e-quatro de maio. Plasmado pelo meio riograndense, dêle nunca se separava. A lança de ébano chapeirada de prata dizia tudo. Usa-a — como o gaúcho usa o chiripá, a faca de carnear e as esporas chilenas; como os cavaleiros-andantes usavam a sua longa lança dos torneios; numa previsão obcessiva do “entre-vero”; dispôsto a ganhá-lo por sua pátria, como os da Távola Redonda por sua Dama — de viseira erguida e semblante alegre; cheio de um entusiasmo insopitável... Liberal, a província erigiu-o em primeiro personagem de sua política áspera. Mandou-o ao Senado vitalício. Em opposição ao partido conservador encabeçado pelo Duque de Caxias. Polarizaram um momento a situação nacional. Caxias — era a consolidação. Osório — a mudança. Arbitro da alternativa — naquêlê regime elástico a que a coroa dava o equilíbrio britânico — o Imperador foi sábio, chamando para ministro da guerra do gabinete do visconde de Sinimbu o irresistível Osório. O seu liberalismo — como o de Gaspar Martins, podia levá-lo à república. Dela porém se afastara apregoando (a exemplo da prudente atitude na guerra dos farrapos) que seria prematura, portanto equi-

voca nos idos de 1870: porque cindiria o país. Quê viesse evolutivamente... Uma apoteose, a chegada de Osório ao Rio. E a sua visita às províncias do norte. Idealizou o povo o “salvador de espada-a-cinta”. Osório! Preferiu ser um diligente ministro que marcou com a autoridade e o prestígio a “paz brasileira”. Morava na casa térrea e ampla da rua do Riachuelo — onde, em sua homenagem, devia instalar-se (dando ao prédio destino condigno) o museu de Osório. A sua casa do Rio de Janeiro! — O seu quarto (descreve-o o filho, Fernando Osório) tinha apenas o catre, a mesa de trabalho, o cabide de armas, e a um canto, os arreios e a lança. Era, na humildade do monge, o acampamento hipotético de herói, sempre pronto a saltar ao estribo, e de lança em riste investir o nebuloso inimigo... Admirável soldado! Amaram-no as multidões pela ternura da alma e pela franqueza da palavra. Magnânimo, propenso ao “humor”, entremeando de termos regionais a fala pitoresca, jamais a côrte lhe torceu o temperamento gauchesco. O monarca, o govêrno, o parlamento, a sociedade, o povo assim o conheceram e estimaram: por essa maravilhosa autenticidade, em cujos tons cavalheirescos palpita o espírito da velha milícia da fronteira. Por isso os funerais do marquês de Herval constituíram em 1879, no Rio de Janeiro siderado pela noticia de que morrera o Bayard dos pampas — uma das mais comoventes manifestações do pesar público nesta cidade. Preconizaram o monumento. O bronze que em 1894 a gratidão nacional lhe ofertou. Em que Osório, “de a cavalo”, continua a comandar as invizíveis legiões. Como um galhardo coronel — dos seus sonhos de menino da Conceição do Arroio, no limiar da vida. Emblema da perfeição humana em harmonia exata com os sentimentos da sua gente. Espécie de protetor imortal da sua nacionalidade. *Legendário* — e bom. Daquela glória benigna de que se fizeram as rapsódias, as canções, as epopéias, os poemas, em que a espada não é destrutiva, mas criadora, em que a valentia não é vã, mas exemplar, em que a missão não é de morte, mas de justiça, lealdade e paz, a paz dos fortes, que é a definitiva, pois prescinde do ressentimento, e assenta no Dever!

Mestre de gerações militares — Osório foi inegavelmente o mais primoroso dos chefes de vanguarda que o Brasil teve.

Vemo-lo, como na sua página de memórias o viu ao sol de Peribebue o visconde de Taunay. Descendo com majestosa lentidão das alturas, no seu cavalo branco, de lança em punho, anjo das vitórias, para assumir o comando ideal dos soldados brasileiros!.

BATALHA DE TUIUTÍ SEGUNDO TESTEMUNHOS DA ÉPOCA

(24 maio 1866)

UMBERTO PEREGRINO

Na altura a que chegou o levantamento histórico da chamada Guerra do Paraguai, já não haverá novidades que se possam dizer em torno da batalha de Tuiutí. Há, todavia, documentos e mesmo obras ricas de informações sobre a Guerra do Paraguai, os quais, por mal conhecidos ainda, guardam muita coisa preciosa. Estará, seguramente, nesse caso uma obra publicada em 1870, sob o título "História da Guerra do Brasil contra as Repúblicas do Uruguai e Paraguai". Singularmente, essa obra, que se compõe de 5 volumes impressos pela Livraria de A. G. Guimarães & C., Rua do Sabão n.º 26, não traz nenhuma indicação sobre a sua autoria. Sabe-se, entretanto, que é devida a Francisco Felix Pereira da Costa, português naturalizado brasileiro e cirurgião da Armada.

São fidedignas e expressivas as informações transmitidas nessa obra, além de copiosa a documentação reunida. Vamos, então, de comêço, recordar a gloriosa ação de 24 de maio de 1866, através dos dados e documentos oferecidos pelo autor oculto.

VÉSPERAS DA BATALHA — O ATAQUE

Preliminarmente, assinale-se a impaciência do historiador face à inatividade do Exército Aliado, quando este já se achava pisando o território inimigo: "Parece que o general-em-chefe argentino entendia que o exército aliado devia fazer só guerra defensiva, e para esse fim convinha estar parado, uma vez que a surpresa de 2 de maio não

tinha servido de aviso ao dito general-em-chefe para estar prevenido contra outro ataque.” E acrescentava: “ir um exército invadir um país inimigo e ficar parado à espera que o vão atacar, nunca aconteceu em parte alguma.” Ainda bem que “por influência de alguns generais, e, sobretudo, do general Ozório, houve conselho no dia 19 de maio de manhã, e ali acordaram nos planos de ataque que devia ter lugar no dia seguinte.” Efetivamente, pelas 5 horas da manhã do dia 20 todo o Exército Aliado pôs-se em movimento. A 23 estava de novo imobilizado “por não terem chegado os carros de munições e de fornecimento da tropa”. Os generais Flores, depois Ozório e Mitre foram chegando. Pela tarde travou-se duelo de artilharia, durante o qual “nossos generais conservaram-se serenos no meio das balas, que rompiam o espaço e caíam na retaguarda. Uma caiu na retaguarda do 3.º batalhão de infantaria, a seis passos de distância; outra cortou a perna de um cavalo que estava debaixo de um laranjal, próximo do lugar em que estavam nossos generais e vários oficiais”.

Contava-se com o ataque paraguaio em 24 de maio? Não, nada de positivo havia nesse sentido, segundo o historiador que informa: “nas primeiras horas do dia 24, nenhum movimento de forças inimigas se tinha pressentido, até porque a abundância de matos palmares, e a sinuosidade do terreno lhe permitiram sempre ocultá-las.”

O ataque surgiu de surpresa, aí pelas 11,30, “quando apareceram pela frente e flanco esquerdo duas grossas colunas”.

“A que atacava a frente compunha-se, segundo os melhores dados, de quatro grandes batalhões de infantaria, e outros tantos regimentos de cavalaria; e a que vinha sobre o flanco esquerdo, de dez batalhões de infantaria, quatro regimentos de cavalaria e seis peças de artilharia.”

Ao que parece, informa ainda, o plano de Lopez basear-se-ia numa ação repentina e brutal, havendo mesmo a versão de que para melhor consegui-lo, “fizera embriagar, ou quase embriagar, tôdas as suas tropas e com especialidade a cavalaria”. E a verdade é que “jamais se viu um acometimento mais desvairado: a cavalaria arremessava-se contra a infantaria, procurando chegar aos canhões, fôsse como fôsse”. Acontece, porém, que se “o ataque era furibundo, a resistência tornou-se invencível”. Também entram a produzir efeito as providências do gen. Ozório, que parecia ter adivinhado o plano paraguaio quando fizera guar-

necer seu flanco e até a retaguarda “por baterias cobertas com redutos ou outras obras, além de fortes defesas de infantaria”.

Quanto aos chefes que se distinguiram na refrega são as seguintes as referências do historiador:

“O marechal Ozório não se contentou com repelir o ataque do inimigo, senão que tendo-o cortado em dois troços, como já indiquei, procurou, e conseguiu, aniquilar um dêles e deixar o outro dizimado.”

De fato, colhidos os inimigos debaixo de um inferno de balas e de metralha, eram exterminados aos milhares, e quando, amparando-se dos matos e esteiros, queriam fazer frente, eram dali desalojados.

O general Ozório, segundo os correspondentes argentinos, invocados pelo historiador, foi mesmo o herói do dia. E, no dizer dêles, “se não excedeu em intrepidez ao general Flôres, e em sangue frio ao general Mitre, teve mais do que êles a inspiração de general-em-chefe, que procura tirar vantagens dos erros do inimigo, e continuar a vitória até onde a pode levar”.

A respeito da atuação das diferentes Armas registra o historiador que “a artilharia brasileira teve uma parte muito principal na batalha”, ao passo que “a cavalaria não concorreu em iguais proporções ao êxito da batalha, porém muito, e o general Netto, à frente de 200 voluntários, realizou prodígios de coragem e perícia”.

O esforço brasileiro aparece como verdadeiramente extraordinário. Basta considerar que “do exército imperial, e conforme uma carta do general Ozório, não ficou de reserva um só batalhão, entrando o último dêles em fogo” enquanto que, da parte dos argentinos, somente entrou em combate o 1.º Corpo (o 2.º permaneceu na retaguarda) e “as milícias corrientinas, ou grande parte delas, fugiram ao principiar a ação”. Nossas perdas elevaram-se a 3.011 homens, entre mortos e feridos, num total de 3.348 combatentes postos fora de combate do lado aliado. Em compensação, Tuiuti é limpidamente uma vitória brasileira, o que se traduz também no saldo dos troféus da batalha, quase todos apreendidos pelos nossos soldados. Com efeito, a batalha rendeu 4 peças de artilharia, 3 bandeiras, 4 estandartes, 12 caixas-de-guerra, 15 cornetas, 4.700 espingardas e, disso tudo, apenas 3 estandartes, 3 caixas-de-guerra, 3

cornetas e 1.177 espingardas não foram prêsas dos combatentes brasileiros.

CONSEQUÊNCIAS

Vale-se o historiador, na reconstituição da batalha, do relato de um correspondente de guerra de Buenos Aires, ao qual, surpreendentemente, não escapam certos desdobramentos que decorrerão necessariamente do acontecimento militar de 24 de maio: E ei-lo observando que “a sangüinolenta batalha de Tuiuti, parece que veio revelar aos generais em chefe dos exércitos aliados a necessidade de pôr em ação maior número de elementos”. A seguir deduz que se Lopez naquele dia pôs em ação “20 mil homens e mais”, é que seu poder militar era maior do que lhe atribuíam. Por outro lado, já estando “provadíssimo o arrôjo com que as tropas paraguaias combatem” é de calcular que os aliados, “sem sangrentos e repetidos combates não podiam avançar até Humaitá e debelar aquela fortaleza”. Ora, “nenhum dos três exércitos pode receber dos respectivos países, com brevidade, novos contingentes; e mesmo os que com alguma demora pudessem chegar seriam de tropas irregulares e bisonhas”. Acresce ainda estarem os exércitos aliados “quase impossibilitados de utilizar as suas cavalariaes, que representam um sexto da fôrça total de que dispõem”.

Essa a paradoxal situação que se apresentava para os aliados após 24 de maio, embora a Ordem do Dia de Mitre, datada do “Campo da Vitória”, em Tuiuti, começasse assim:

“O exército inimigo foi completamente batido na jornada de 24 de maio nos campos de Tuiuti”.

POSIÇÃO DAS “REMINISCÊNCIAS” DE DIONÍSIO CERQUEIRA

Mas quem poderá reconstituir qualquer momento da Guerra do Paraguai sem socorrer-se das “Reminiscências” do Gen. Dionísio Cerqueira? Trata-se de obra singular na nossa bibliografia de História Militar. O autor que, aos 17 anos, interrompia os estudos na Escola Central para alistar-se voluntário e seguir rumo aos campos de batalha do Sul, compôs o livro partindo de umas simples notas destinadas à revista “Anais”, que se editou nesta capital sob a direção do escritor Domingos Olímpio. Sòmente a muita

insistência de amigos e admiradores Dionísio Cerqueira se dispôs a coordená-las, ampliá-las e dar-lhes unidade para constituí-las em livro. E tanto tempo consumiu nessa relutância que não chegou a ver o volume impresso. Revivia as provas quando morreu em 15 de fevereiro de 1910, em Paris, onde se encontrava como chefe de uma Missão Militar Brasileira de Estudos, na Europa.

As “Reminiscências” de Dionísio Cerqueira são do mesmo teor que “A Retirada da Laguna”. A única diferença será no sentido, que na narrativa de Taunay é o épico, como requeria aquela tragédia. Mas, à semelhança das “Reminiscências”, o predominante em “A Retirada da Laguna” é o fato humano, aí tecido de dor, fome, desgraça, desespero, esperança, resignação. Quando acaso reponta o fato militar, a análise dos chefes, o balanço dos erros, esse desvio é mais aparente que real, pois que tudo isso é aduzido ou apreciado em função do humano — o drama, o sacrifício da coluna. Em vários livros posteriores Taunay prolongou o seu depoimento dêsse lance e de outros que foi parte, na Guerra do Paraguai. Depoimentos, decerto, muito valiosos do ponto de vista dos episódios históricos, mas, sobretudo, e nisto insuperáveis, depoimentos emotivos.

Assim, as “Reminiscências” se inferiorizam, seguramente, à comparação com “A Retirada da Laguna”, na intensidade emotiva, mas superam-na, francamente, no interesse geral. E nada mais compreensível. Esta, a obra de Taunay, fixa um breve e isolado episódio. Grandioso, épico, mas tão somente um episódio. Aquelas, as “Reminiscências”, retratam a intimidade da vida em todo o estirado período da luta, no amplo cenário em que se desenrolou. Nas “Reminiscências” há lugar para tudo. Estão presentes as almas sob as suas paixões no sentido do elevado, e também do rasteiro, estão presentes os costumes do tempo, as dificuldades que nos atormentaram, os sentimentos que nos c o êrro, o grande e o mesquinho, a vida e a morte.

COMO SE CONTA A JORNADA DE 24 DE MAIO

Pois vejamos como se conta a jornada histórica de 24 de maio de 1866 pela palavra dêsse jovem voluntário que a viveu na qualidade de alferes do 4.º de Infantaria, pertencente à Divisão do Gen. Sampaio, precisamente a força

brasileira que receberia o furioso impacto dos 9 mil homens do Cel. Diaz.

Ao anoitecer do dia 23, nada prenunciava, no acampamento de Tuiuti, a ação do dia seguinte. Pelas 20 horas, como de costume, soou o toque de *recolher*. Todos os corpos entraram em forma, fêz-se a chamada e a seguir “os sargentos *puxaram* as Companhias para a *frente da bandeira*”. Ia-se rezar o *têrço*.

“Algumas praças, os melhores cantores entoaram com voz vibrante, sonora e cheia de sentimento, a velha oração do soldado brasileiro:

“Ó, Virgem da Conceição, Maria imaculada, vós sois a advogada dos pecadores, e a todos encheis de graça com a vossa feliz grandeza. Vós sois dos céus princeza, e do Espírito Santo espôsa. Maria, mãe de graça, mãe de misericórdia, livrai-nos do inimigo e protegei-nos na hora da morte. Amen.”

“As músicas de quarenta batalhões acompanhavam impressivas aquela grande prece ao luar, rezada tão longe dos lares queridos.

“Tocou, depois, *ajoelhar copos*. Todos aquêles homens simples, rudes e crentes, que se liam bater como leões, no dia seguinte, caíram de joelhos, e, com as mãos musculosas, apertando os largos peitos valorosos, entoaram, cheios de contrição e de fé, o “Senhor Deus, misericórdia”.

O toque de silêncio, encerrando o 23 de maio, seria, entretanto, o último ouvido por tantos e tantos daqueles combatentes. Ainda bem que o corneteiro-mor do 7.º de Voluntários, um paulista agigantado, tocava-o “como um hino de saudade, e terminava lento, suáve e muito triste, até morrer como um gemido longínquo.”

Mas o dia 24 “amanheceu claro e sereno”. E Dionísio Cerqueira viu surgindo, da escuridão, pouco a pouco “as alvas tendas do grande exército, estendido em colunas por aquelas cochilas afora”. A atividade começou para êle assim:

Antes do toque de parada, tocou faxina. Os sargentos entregaram ao *brigada*, os homens escalados. Recebia-os do ajudante; eram vinte. Mandei — *três-à-direita, volver* — e marchei com êles para a mata da esquerda. Ali, ensarilharam as armas, e dispersaram-se em busca de lenha.

Fiquei só junto ao sarilho. Passava o tempo, e devagar. Olhei para o relógio: era mais de 10 horas. Daí a pouco, fêz alto, na minha frente, o soldado José de Barros; *quadrou-se*, levou a mão direita à pala do boné, e disse, em voz clara e bem timbrada, com o sotaque de sertanejo:

“— Saiba vossa senhoria, sô alferes, que o mato está vermelhando de cabôclos.

“Encarei-o: não parecia assustado. Fui ver se era verdade; penetrei no bosque por uma das tortuosas trilhas, e esguardei a espessura sombria e longe, meio ocultos pelas árvores, vultos vermelhos apareciam cobertos por grandes barretinas de sóla: eram os paraguaiois:

“Ou nos não viram, ou fingiram não nos perceberem, por lhes não convir se denunciarem com um ataque. Éramos tão poucos... Alguns dos nossos homens já voltavam ao sarilho, com os feixes de lenha aos ombros. Mandeí chamar os outros; formei-os, e segui para o acampamento.

“Mal dava parte do que vira e entregava a lenha ao oficial-de-estado, detonou sôbre as nossas cabeças uma granada inimiga. Ao estrondo, seguiu-se o toque de *sentido e chamada ligeira*: todos correram às armas.

“Os paraguaiois já estavam sôbre nós. A granada fôra o sinal do ataque geral”.

O 4.º de Infantaria entrou em forma rápidamente e no mesmo instante se meteu em linha, para receber o choque de um Regimento de Cavalaria que avançava a galope e se chocou com as duas primeiras Cias. sem alcançar rompê-las. Tão pouco pôde retroceder, porque tinha pela frente, observa Dionísio, “os nossos bravos, cheios de ardor nessa primeira vez em que combatíamos devéras”. Então o Regimento paraguaio deslocou-se “para a esquerda, ao trote, entre nós e a lagôa. Fuzilavamo-lo eficazmente, quase à queima-roupa. Manobrou para nos cortar a retaguarda. Debalde: o nosso fogo era tremendo e a linha muito extensa. Cada um dos 8 pelotões formara com trinta e quatro filas. O batalhão tinha mais de 200 metros de frente. O terreno era meio atoladiço. Do trote passaram ao passo, os bravos guerreiros de Lopez, que iam caindo, dando lançadas e talhos de espada inútilmente.

“Nós os batíamos de flanco. Os nossos soldados, entusiasmados, ardentes, saíam das fileiras, e os atacavam à baioneta. Foi um morticínio medonho: poucos escaparam”.

À esquerda do 4.º, em terreno atoladiço, combatia o 6.º de Voluntários que recuava. Foi quando seu comandante, Agnelo Valente, “alto magro, simpático e sereno, estacou o cavalo; estendeu a espada horizontalmente e mandou tocar — *alto-frente*. O 6.º já pisava terreno sólido: o chão estava seco. Os paraguaiois continuavam a avançar, lentamente e fazendo fogo: nós os fuzilávamos sempre, e pelo flanco; — presenciando, cheios de ansiedade, a grandiosa cena.

“A distância entre a coluna inimiga e os nossos voluntários ia diminuindo a olhos vistos. O comandante Valente firmou-se nos estribos, ergueu-se sobre a sela, encarou o inimigo, e falou ao corneta: soou, vibrante e alegre, o toque de avançar. As baionetas já estavam armadas. Os bravos filhos do Brasil deram um viva entusiástico à Pátria, e marcharam impávidos sobre a coluna, que avançava lenta, majestosa, solene.

“Que momento aquêlê!

“Vibrou o som festivo do toque de acelerado, e, logo após, os ares estrugiram com o mais grandioso de todos — o toque de carga, que foi repetido por tôda a banda. Os nossos rapazes cruzaram baionêta, e correram, impetuosos e vivos, sobre o inimigo, que fêz alto.

“Parou?!... Estava perdido.

“As duas linhas chocaram-se. As nossas baionêtas penetraram nos peitos dos mais bravos daquêles heróis e nas costas dos outros que, embora valentes, recuavam em debandada. Batemos palmas, orgulhosos dos nossos companheiros. E das linhas dos veteranos do 4.º de Infantaria, erguer-se um viva delirante ao 6.º de Voluntários, que seguia, como louco, ferindo e matando”.

Surgiram, porém, umas após outras “novas colunas de côr avermelhada e guerreiros acobreados, espadaúdos, montados em pequenos cavalos, com as estribos de *rodela* entre dois dedos dos pés, com *chiripás* de lã vermelha listrada, *tiradores* de coiro bem sovado na cintura, caindo abaixo dos joelhos, com *boleadeiras* nos *tentos*, empunhando lanças enormes, ou brandindo espadas curvas afiadas, avançavam a galope, em alarido infernal, sobre os nossos batalhões, meio desordenados já pelas cargas repetidas que davam.”

Sampaio fôra ferido gravemente e o Comandante de Dionísio também tombara. Mas a bandeira do 4.^o tremulava empunhada verticalmente pelo jovem paraense: Alferes Celso de Assis. De repente inclinou-se o alferes uma bala atravessara o talabarte de veludo verde e galões dourados, varando-lhe o coração. Um dos cabos da guarda da bandeira tomou a haste que escapara das mãos do Alferes, o outro cabo amparou-o.

A luta já durava cinco horas. “Quadrados formavam-se aqui; além, ouvia-se o toque de *assembléia* e as linhas de atiradores se reuniam, ora em círculo, ora formando os quatro camaradas de combate, de baionêta cruzada contra a cavalaria que vinha a galope: era uma confusão imensa e cheia de fortes impressões. A batalha atingia o momento decisivo”.

É quando surge Ozório. Dionísio Cerqueira descreve-o “no seu belo cavalo de combate, com o largo chapéu de feltro negro, o ponche flutuante deixando ver a gola bordada, a lança de ébano incrustada de prata na mão larga e robusta, e o olhar fascinante, dominando aquêle cenário trágico da glória e da morte. Ouviu-se um viva retumbante. De todos aquêles lábios secos, daquelas gargantas roucas, saiu imenso, entusiástico, um viva ao general Ozório!

“Tudo transformou-se ao tremular mágico da bandeirola da lança legendária. A nossa infantaria avançou galvanizada por aquêle homem, imensamente amado, e levou de vencida, até às profundezas densas da mata, os guerreiros inimigos, que sobreviveram à horrorosa hecatombe.

“A batalha estava ganha.”

E soou finalmente o toque de *cessar fogo*. Era noite quando o Dionísio Cerqueira voltou ao acampamento. Tinha a blusa, única, “rôta na altura do ombro direito, por uma bala, que passou triscando a pele. A espada estava partida pelo meio; e as botas, coturnos reiúnos trazidos do 1.^o Regimento tinham deixado as solas nos banhados”.

Perto da barraca deparou estendido, com os miolos de fora, um amigo de infância, o Tenente de Voluntários, Emigdio de Azevedo Monteiro. Ajoelhou-se ao seu lado, apertou-lhe a mão gelada e deu-lhe “um beijo de adeus na larga testa ensanguentada”. Deparou ainda, “fincada no chão, uma espada de oficial, vermelha de sangue”. Experimentou-a na bainha da sua e serviu: “Fiquei com ela —

registra o memorialista — e com pesar atirei fora o pedaço que restava da outra, a minha companheira mutilada”.

AÇÃO E SACRIFÍCIO DE SAMPAIO

Lopez empenhara em Tuiuti quase todo o seu exército e o arremessara contra nós por todos os lados. Mas “tínhamos, felizmente — no dizer do autor das “Reminiscências” — à nossa frente, o grande Ozório, que surgia como um semi-deus, nos momentos mais críticos, levando consigo a vitória. Ouvi, e narro com ufania, soldados feridos, estorcendo-se nas vascas da agonia, levantarem-se a meio, com a auréola da morte dourando-lhes os cabelos empastados de sangue, murmurarem em voz desfalecida, quando êle passava: Viva o general Ozório! Viva Ozório!”

O enaltecimento da ação decisiva de Ozório não deve, todavia, importar no esquecimento do papel de Sampaio, o cearense Antônio de Sampaio, comandante da chamada Divisão Encouraçada sôbre a qual incidiu o mais poderoso esforço do ataque paraguaio representado pela ação dos 9 mil homens de Diaz. O mesmo Dionísio Cerqueira deu-nos um flagrante de Sampaio em plena batalha, quando assim o descreve:

“Sampaio cavalgava, trajando o seu belo uniforme de general, bordado a ouro, à frente das suas tropas: mandou estender linhas e avançar”.

Outro que viu Sampaio atuando no embate de 24 de maio foi o sargento Oliveira, cujo testemunho nos chegou através de Fonseca Lobo, nesses termos:

“... Quinze dias depois, teve lugar uma grande batalha entre o nosso batalhão de Voluntários e dois batalhões paraguaios que nos surpreenderam entre dois banhados.

“Felizmente, os nossos inimigos tinham pela frente um general como Sampaio. Êste bravo, sondando o perigo, e vendo que a nossa vitória dependia de ação a ferro-frio, o que era impossibilitado pelo banhado de nossa vanguarda, que nos separava da fôrça inimiga, e querendo que os paraguaios passassem o banhado para o nosso lado, mandou tocar retirada e recuou, como fugindo... Os paraguaios passaram todos e nos foram perseguindo até têmos pela retaguarda o outro banhado. Aí o general formou com rapidez

o batalhão e mandou fazer fogo, carregando sempre contra o inimigo...

“A refrega foi tremenda! Os paraguaíes, duas vezes mais em número do que os nossos, fraquearam, ou porque as nossas armas fôsem melhores, ou porque o batalhão de Voluntários, tendo na vanguarda um general daquela tempera, os terrorizava. O certo é que iam êles, recuando deixado o campo alastrado de cadáveres dos seus soldados, como também dos nossos.

“Nas últimas descargas de fuzilaria, quando íamos passar a ferro-frio, já quase à entrada do banhado, onde o inimigo não podia mais recuar, um oficial paraguaio, que estava do outro lado do banhado ou sanja larga, fêz alvo no general, e uma bala despedaçou a cabeça de seu corcel.

“O general sempre ao lado da primeira linha da vanguarda, a pé, de espada no ar, gritava:

— “Avança!... avança!... mata!... mata!...”

“Outra bala decepou-lhe a fôlha da espada, mas o general não fêz caso, gritando sempre:

— “Avança! mata!...”.

“O nosso batalhão parecia a tromba de medonho ciclone numa campina deserta!... O momento era crítico... era sumário... Eu corri e meti na mão do general a minha espada, dizendo:

— “É a arma de um inferior, senhor general, mas é uma espada brasileira”

Olhou-me o bravo militar e disse:

— “Obrigado, meu alferes Oliveira. Vamos acabar com êste *cambas*”.

“Mal acabava êle de pronunciar estas palavras, ouvi o sibilar de uma bala que passou queimando-me a farda por cima do ombro, indo ferir em cheio no peito do general que se voltou para tomar a arma de um soldado, o que fiz com muito mais ligeireza, de modo que quando outra bala o pilhou pelas costas, numa das omoplatas, eu já tinha divizado o oficial paraguaio, e metia-lhe uma bala na bôca quando êle acabava de gritar:

— “Matei o general brasileiro!”.

“O general, mesmo ferido como estava, tinha-se virado para a frente e viu bem quando derribei o perverso paraguaio.

“A fuzilaria foi medonha. Carregamos contra o inimigo que, esmorecido, se deixou matar, como bois em matadouro!”.

Nenhum documento oficial menciona a localização dos ferimentos recebidos pelo Gen. Sampaio. A indicação do Sgt. Oliveira (seria Alferes após a batalha de Tuiuti) é, portanto, válida. Sabe-se, porém, que os ferimentos sucessivos foram três. E o terceiro teria ocorrido quando o alferes Francisco Correia de Melo lhe transmitia uma recomendação de Ozório para que continuasse resistindo de qualquer maneira. Sampaio respondeu:

— “Diga ao General que estou cumprindo o meu dever, mas como já recebi dois ferimentos e estou perdendo muito sangue, seria conveniente que me mandasse substituir”.

Nessa ocasião exata recebeu o terceiro balaço e então ajuntou, levando a mão ao local do novo ferimento:

— “Diga ao General que este é o terceiro”.

Quarenta e três dias depois morria Antônio de Sampaio, ao ser transportado para Buenos Aires, quando o seu estado se tornara desesperador.

O correspondente do “Jornal do Comércio” em Buenos Aires assim refere a chegada do corpo e os funerais:

“O Eponina não nos trouxe só feridos, trouxe-nos coisa mais aflitiva — o cadáver do general Sampaio.

“Como não se terá olvidado, o brigadeiro Antônio de Sampaio, comandante da 3.^a divisão do exército imperial, foi gravemente ferido na batalha de 24 de maio. Os seus ferimentos não se consideraram ao princípio, mortais, mas revelaram depois este caráter e só à força da ciência e de desvelos, além do vigor do doente, puderam prolongar-se-lhes os dias.

“Vendo que não era mais possível salvá-lo, acedeu o sr. conselheiro Otaviano às suas instâncias para o remeter a Buenos Aires.

“A bordo do vapor *Eponina*, onde uma câmara especial se lhe tinha prontificado, foi ele conduzido com as maiores cautelas, fazendo-se-lhe ao seu embarque tôdas as

honras. O hábil Dr. Botelho veio encarregado de seu tratamento a bordo.

“Tudo foi em vão, e o valente chefe da melhor divisão do nosso exército, sucumbiu no dia 6, a bordo do *Eponina*, e já muito perto de Buenos Aires.

“Chegando aqui êsse vapor, a legação brasileira fêz transportar o corpo do general Sampaio para o hospital brasileiro, que demora no extremo sul da cidade.

“Parece que mais natural era ficar o corpo a bordo do vapor, e, dando-se as providências para o entêrro, ser o esquife recebido no magnífico cáis da cidade.

“Isto permitiria a nossa marinha, única fôrça que aqui temos, fazer-lhe as honras militares, além de que, pela imensa concorrência de povo que afluiria, o saímento do general brasileiro se tornaria brilhantíssimo.

“No hospital, fêz-se à noite o depósito do cadáver, e daí saiu o entêrro no dia 8, às 2 horas da tarde.

“Da parte do govêrno argentino deram-se tôdas as ordens para o comparecimento da classe militar; a parte mais distinta da população associou-se a êle, e concorrendo talvez sem exceção do mais modesto indivíduo, todos os brasileiros que em Buenos Aires existem, o saímento foi brilhante.

“Um rico coche coberto com a bandeira brasileira ao centro e a oriental e a argentina aos lados levava o fêretro, que era de mogno contendo um caixão de zinco em que ia hermêticamente encerrado o corpo. Sôbre o ataúde viam-se as insignias e condecorações do finado.

“Uma longa fileira de seges seguia o coche, reunindo massas de povo nas ruas para ver o préstito. No cemitério algumas fôrças de infantaria argentina fizeram-lhe as honras militares, acompanhando de longe a corveta *Niterói* com a salva correspondente”.

VERSÃO PARAGUAIA DE TUIUTI

E os paraguaaios, qual a versão dêles sôbre a jornada de Tuiuti? Especialmente expressivo para êsse efeito será a palavra de Jorge Thompson, de quem tivemos ainda em 1869 uma história da “Guerra do Paraguai”, abrangendo até fins do ano anterior. Sua história sofre os reflexos da posição do autor que foi uma espécie de chefe do serviço de

Engenharia do Exército Paraguaio, além de ter sido “Ajudante de Campo do Presidente Lopez”, consoante alega, como título, no frontespício da edição inglesa (a original da sua obra).

Pois bem, na narrativa de Thompson, à tarde do dia 23, Lopez reuniu os batalhões de reserva e lhes dirigiu a palavra, recordando que no dia 2 um pequeno número de combatentes havia arrebatado ao inimigo seus canhões e suas bandeiras. Daí deduzia que, se se efetuasse um ataque com grande força era indubitável que os aliados seriam totalmente aniquilados. Os soldados estavam muito entusiasmados e declararam que só esperavam ordens para marchar contra o inimigo e esmagá-lo. Que se preparassem então para recebê-las, concluiu Lopez. E durante toda a noite de 23 para 24 consagrou-se a inspecionar posições e dar instruções aos seus generais, dos quais Barrios, com 8 mil homens de Infantaria e mil de Cavalaria, devia levar o ataque à esquerda inimiga, ao gen. Diaz (então coronel) com 5 mil infantas e 4 obuseiros a quem caberia atacar o centro do dispositivo aliado, ao passo que a direita seria acometida pelo gen. Resquin com 7 mil cavaleiros e 2 mil infantas. O ataque deveria desencadear-se simultaneamente, a um canhonaço disparado por Barrios, quando houvesse atingido o potreiro Pires. O percurso a ser vencido pela coluna de Barrios era difícil e penoso. Devia atravessar bosques e charcos através de caminhos em que os homens caminhavam em fila indiana e a Cavalaria tinha de conduzir seus cavalos pela brida. Isso acarretou sensível retardamento no início da batalha, pois se esperava que Barrios estivesse na posição de ataque às 9 horas e ele só a alcançou às 11,30. Afortunadamente para os aliados, opina Thompson, a essa hora suas tropas se achavam em armas, porque estavam prestes a empenhar-se em sério reconhecimento sobre as posições paraguaias. No seu entender, os aliados levavam ainda a vantagem de serem atacados em suas próprias posições e de enfrentarem tropas indisciplinadas. Observa também que a nossa artilharia entrou prontamente em ação, ao passo que a paraguaia ficou ociosa. Alega mais a inferioridade do armamento paraguaio, cujos canhões ainda não eram raiados.

Quando cessou o fogo, pelas 4 horas da tarde, “os paraguaios estavam completamente derrotados e seu exército destruído”, são palavras de Thompson. Sobre o campo da

luta jaziam 6 mil cadáveres, mas prisioneiros apenas 350 homens haviam sido feitos, feridos todos. O historiador inglês explica essa impressionante desproporção pelo fato de que os paraguaios nunca se rendiam e mesmo os feridos pelejavam até morrer.

Lopez só veio a conhecer a realidade do seu desastre na manhã seguinte, isto, informa Thompson, devido à dificuldade de comunicações criada pelos esterios, além da grande confusão que se estabeleceu. E o fumo era tão denso durante a batalha, informa ainda, que os aliados também não se aperceberam, no primeiro momento, da verdadeira extensão do dano que haviam infligido ao exército paraguaio.

Quanto à participação pessoal de Lopez na ação de 24 de maio, Thompson assim a fixou: depois de almoçar, instalou-se com seus telescópios no cemitério de Passo Pucú, a cinco milhas do local onde se feriria a batalha; ali permaneceu até o desencadeamento da ação, quando se deslocou; chegando à distância de 3 milhas do fogo, despachou sua escolta numa direção e tomou outra, em companhia do ajudante que o acompanhava. Assim procedia, esclarece Thompson, por temor de ser reconhecido. Acabou ocultando-se em pequeno bosque, do qual não se divisava mais que o fumo denso. A seguir retirou-se para tomar um lanche a uma milha de distância.

Quando retomou a posição anterior de observação, já muitos feridos estavam sendo recolhidos, mas não se podia ter idéia do que sucedia. E um destes, narra o historiador presente, era um rapaz de 15 anos, que, apesar do ferimento sério, conduzia além do seu fuzil, alguns orgulhosos troféus: um sabre, uma lança, um rifle, uma bala de canhão e um "hermoso poncho de paño". Diante de Lopez, ofertou-lhe todos os troféus, mas o Marechal só aceitou as armas, o poncho, lhe devolveu.

Depois do anoitecer, dirigiu-se Lopez à casa do gen. Bruguez, no Paso Gómez, onde se encontrou com Barrios e Diaz, de quem recebeu as más notícias, em todo caso somente as que até aquêlê momento eram conhecidas.

As 22 horas retirou-se para o seu Q.G. de Passo Pucú. Antes, porém, determinou que tôdas as bandas de música tocassem durante a noite inteira. Com isso pretendia iludir o inimigo e suas próprias tropas quanto ao resultado da batalha, informa Thompson, que registra também a ati-

tude do jornal o "Semanário" festejando Tuiuti como "uma grande e gloriosa vitória" das armas paraguaias.

Constou nos arraiais aliados que Lopez havia embriagado seus soldados com uma mistura de aguardente e pólvora. Thompson o contesta, assinalando a propósito o fato de os paraguaios quase sempre "pelearem" com o estômago vazio, porque em véspera de combate não se permitia aos soldados separarem-se das suas unidades para carnearem.

Entre os troféus conquistados pelos nossos menciona 5 bandeiras, uma das quais Ozório teria oferecido de presente a Tamandaré. Tratava-se de bandeira defendida por um sargento já ferido, o qual ocupou os últimos momentos de vida em despedaçá-la com os dentes, num gesto desesperado para impedir que caísse em nosso poder.

Numerosos feridos paraguaios permaneceram abandonados na selva. E durante três dias, após a batalha, ainda chegavam êles ao acampamento, arrastando-se penosamente. Thompson conta de um major que veio a ser recolhido 4 dias depois; havia sido ferido num dos pulmões e permanecera num monte nas proximidades do inimigo, em companhia de um soldado, também ferido; como não se sentisse com forças para mover-se, ordenou ao soldado que lhe abreviasse o fim, levando a Lopez seu quépi e sua espada; o soldado negou-se a cumprir a ordem, e assim foram encontrados ao 4.º dia de abandono e sofrimento, no local onde haviam tombado.

Thompson refere a incineração dos cadáveres paraguaios, que subiam a 6 mil! Na sua informação, formavam-se pilhas de 5 a 100 corpos em camadas que se alternavam com lenha à qual se prendia o fogo.

E os 10 mil homens que sobreviveram estavam completamente desorganizados e dispersos. Muitos dias se passaram até que fôsse possível reagrupá-los de novo, é a derradeira informação sobre a batalha de Tuiuti, no depoimento do inglês que a testemunhou ao lado de Lopez.

Outra versão do outro lado, podemos tomá-la do historiador paraguaio Juan E. O'Leary, autor de um estudo sobre a batalha de 24 de maio, publicado em 1904, em Assunção. Suas impressões sobre a nossa conduta em Tuiuti sobem de significação se considerarmos que o historiador guarani, ao biografar o Gen. Bernardino Cabal-

lero ("El Centauro de Ybicuí"), expandiu-se em nítidas manifestações de antipatia ao Brasil.

Pois bem, é assim que O'Leary, descreve a jornada em que seria praticamente destruído o grande exército de Lopez:

"Na madrugada de 24 de maio, os diferentes corpos que deviam tomar parte na batalha abandonaram, em silêncio, o acampamento e foram ocupar suas posições respectivas, esperando a hora do assalto.

"Naquela horrível noite os pobres soldados tiveram de suportar, ao relento, o vento Sul e a copiosa geada, com as roupas molhadas e os pés descalços.

"De prontidão ao pé de suas armas, amanheceram o dia cada vez mais ansiosos por entrar em combate. Todavia, as horas se passavam e o sinal para o ataque não soava. Já se aproximava o meio dia e tudo continuava em calma desesperante. As tropas começavam a inquietar-se. Era que o Gen. Barrios, com sua coluna, avançava lentamente na estreitíssima picada que conduzia ao Potreiro Pires. Uma operação que devia estar concluída às 9 da manhã só terminou às 11,30. Naquêle momento um foguete a congreve rasgou o ar, respondendo um canhão em nosso centro. A êsse sinal as três colunas se precipitaram sobre Tuiuti".

Na narrativa do desenvolvimento da luta, chega ao momento em que Diaz se choca com a Divisão de Sampaio, que em vão tentava "deter o ímpeto dos esquadrões paraguaios", momento crítico em que se apresentou "el incomparable mariscal Luís Ozório, ordenando a la primeira división brasileña auxiliase à las tropas destruidas de Sampaio", escreve textualmente O'Leary.

Aqui entra, reproduzida do Gen. Garmendia, a injuriosa versão de que Ozório, como titubeassem em cumprir a sua determinação, correu a pôr-se frente às tropas da 1.^a Divisão, gritando com voz estertórea:

— "Baianada! Três meses de soldo e cachaça. Adiante!".

Sem nenhum fundamento, já se vê, essa maligna indicação de covardia e venalidade dos nossos soldados. Corre por conta das intrigas de rivalidade que medravam dos dois lados. Entre os aliados, por exemplo, constava que certos grupos de paraguaios relutantes tiveram de ser im-

pulsionados a pranchadas desferidas pelos oficiais, durante o combate. E o próprio O'Leary contestou, ainda há pouco citado, o que se propalava de terem sido os seus patrícios embriagados com uma mistura de aguardente e pólvora, antes de entrarem em ação.

A parte final da batalha, no dizer de O'Leary, "foi verdadeiramente bárbara", sob "una confusión indescriptible, en que se peleava individualmente y a arma blanca". E, em presença da 1.^a Divisão que chegava, os paraguaios se retiraram para a encosta do monte, onde tornaram a organizar-se. Ali iam ser de nôvo acometidos pelos brasileiros, quando Diaz fez a Banda Parai (apenas uns restos) tocar as árias nacionais mais populares. E eis, ao ouvi-las, os soldados reanimados, explodindo em colossal gritaria de entusiasmo.

Para O'Leary o que comprometeu o destino da operação planejada por Lopez foi o retardamento de Barrios. Também, é verdade, acusa Resquin, de quem afirma que era bom organizador, mas uma nulidade para comandar. Todavia, o fato decisivo, a seu ver, foi Barrios não ter chegado a tempo para surpreender o inimigo à retaguarda de Tuiuti; quando sua coluna surgiu em Potreiro Pires, os aliados já se batiam por todos os lados. A refrega que se travou, então, foi a mais sangrenta de tôda a batalha. Ali brilhou o maj. Delgado (José Maria Delgado, depois general) à testa dos seus regimentos de Cavalaria. "Sus cargas eram irresistibles e inaguantables sus sableadas." Inútilmente o inimigo formava quadrados contra as cargas de Delgado. Os quadrados se rompiam ao choque dos Esquadrões que os cruzavam deixando largos claros.

Não falta, na palavra de O'Leary, o julgamento dos chefes aliados. No seu entender, Mitre, "assustado com o ataque da coluna de Resquin olvidou que naquêl momento se travava outra batalha à sua esquerda e abandonou aquêl setor à própria sorte, ou melhor dito, nas mãos do glorioso marechal Luís Ozório, que soube brilhantemente suprir sua omissão".

Acrescenta o historiador que Mitre "nunca demonstrou maior incompetência como generalíssimo", pois que, "em vez de perseguir os paraguaios e exterminá-los, se deu por satisfeito vendo-os retirar-se lentamente, arrastando seus feridos".

Reitera encômios a Ozório, na sua expressão “o único herói desta ação”, entre os nossos, pois que “com sua proverbial serenidade salvou a situação”. Confirma a aparição de Ozório, “montado em brioso corcel, nos lugares mais comprometidos e nos mais críticos momentos”. E, incisivo quanto ao general brasileiro: “foi a alma daquela resistência que nada deveu ao general Mitre”.

CHÃO AINDA FUMEGANTE

Ora, a essa extrema severidade do autor paraguaio, no tocante à conduta de Mitre, não corresponde o conceito de um graduado participante brasileiro das operações, o Alm. Arthur Jaceguay, que também nos legou um volume de “Reminiscências da Guerra do Paraguai.” Dessas “Reminiscências” sustenta Jaceguay, quanto ao papel de Mitre, na batalha de 24 de maio: “é preciso considerar a circunstância de que tendo sido uma batalha defensiva prevista, estava dantemão fixada e limitada a ação de cada um dos generais aliados, salvo a emergência que se não verificou da necessidade de manobras ou da transposição dos diferentes corpos de exército, para a defesa comum. A cada um dos generais pertencia a defesa da posição ocupada pelas forças sob suas imediatas ordens”. E ajunta: “Cada um dos generais tinha a sua barraca no meio das suas tropas e os três quartéis-generais distanciavam-se entre si. O General Mitre, com muito tato, não obstante a sua posição política eminente, abstinha-se de cercar-se de aparato externo que o distinguisse dos seus colegas”.

A opinião de Jaceguay reflete o conhecimento direto dos fatos da guerra, através da sua eminente posição no Comando aliado. Particularmente da ação de 24 de maio, êle nos fornece, porém, impressões muito pessoais, pois que são as de uma visita ao campo de Tuiuti, logo no dia imediato à batalha.

“No dia seguinte ao da batalha— registra êle mesmo nas “Reminiscências” — estive no campo, tendo-me transportado para ali pela Lagôa Pires e Potreiro do mesmo nome, onde só encontrei algumas patrulhas de nossa Cavalaria, de uma das quais tomei o zuíno em que me apresentei ao Quartel General, com grande espanto de Ozório quando lhe disse o caminho que havia seguido: “Não me faça mais isto, disse-me êle, em tom paternal, enquanto

eu não puzer os paraguaios para fora daquela mata”. Pelas impressões que recebi no campo de batalha ainda fumegante, que percorri todo, e pelo que ouvi do próprio Ozório e de outros generais, assim como de oficiais que se bateram em diferentes pontos, fiquei convencido de que, se o inimigo em vez de nos atacar por todos os lados, houvesse manobrado para envolver o nosso flanco esquerdo, teria nos inflingido tremenda derrota.”

Mas, verdadeiramente preciosa, porque única, é a imagem de Ozório visto por Jaceguay durante essa visita a Tuiuti, em 25 de maio. Encontrou-o, segundo descreve, “esquálido fantasma” em que mal se poderia reconhecer “o guerreiro imponente da véspera”, porque “ao rasgo sublime de energia” sucedera “um colapso desolador”. Ozório, em deplorável “estado de enervamento, comprazia-se em contar e recontar os episódios da refrega, e com particularidade aquêles em que vira tombar a seu lado alguns dos seus mais bravos oficiais, sôbre os quais se expressava com o enternecimento e a dôr de um pai extremoso”.

* * *

Este dia 24 de maio coloca-nos a 100 anos da Batalha de Tuiuti, que poderia também chamar-se de Lagôa Branca, pois tinha êsse nome o Esteiro que separava os dois exércitos, o aliado e o paraguaio, e foi à sua margem que se travou o embate, no espaço compreendido entre ela e outro Esteiro, o Bellaco. Todavia, os documentos oficiais consagraram o nome de Tuiuti, que viria a ser ainda a denominação de outra importante batalha da campanha do Paraguai, esta segunda travada logo no ano seguinte (1867), em 3 de novembro. É, porém, a de 24 de maio de 1866, a verdadeira Batalha de Tuiuti, que figura entre as maiores ações da nossa História Militar, além de ter tido papel decisivo no desenvolvimento da guerra que o Império sustentou contra o ditador Solano Lopez. Com efeito, como lastima Centurion, “24 de maio foi um malôgro terrível para as nossas armas e pode-se dizer que serviu de túmulo ao mais belo e denodado exército que a nação tinha ao seu serviço”.

Esse resultado nos custou, entretanto, pesado sacrifício de sangue, traduzido em 3.011 baixas! Entre os oficiais que tombaram, além de Sampaio, estavam os comandantes Rocha Galvão, do 3.º de Voluntários (Bahia) e Inocêncio Cavalcanti de Albuquerque, do 55.º de Pernambuco e 60

outros oficiais. Feridos houve 169 oficiais, dos quais 11 comandantes e 2 generais, Guilherme de Souza e o próprio Ozório, que ainda haveria de derramar seu sangue noutra batalha memorável, acumulando feitos sôbre feitos até o fim daquela guerra, longa e sofrida.

Mas, se Tuiuti nos leva necessariamente à glorificação de Ozório, Ozório glorificado nos leva a reflexões de perpétua atualidade para os brasileiros face às Fôrças Armadas.

De fato, podia ter Ozório conquistado as mesmas glórias que conquistou, de Caseros a Avaí, e não seria o nosso heróis "carlyleano", se não fôsse portador daquelas aptidões, daqueles anseios, daquelas irrtudes e até dos defeitos que o identificam com o seu povo.

Quando os seus soldados o chamam afetuosamente de Cabo Velho, quando grandes poetas do seu tempo, como Lúcio de Mendonça, Afonso Celso, Múcio Teixeira, Leôncio Correia, o celebram em versos consagradores, quando a multidão o aclama apoteòticamente nas ruas do Rio de Janeiro e em dado momento desatrela os animais de sua carruagem para puxá-lo a braços até a praça da Constituição, quando o Visconde de Sinimbu, chefe do Gabinete de que Ozório era Ministro, diante do seu corpo inerte descobre-lhe o rosto e beija-o, quando a população desta Capital, em massa, se acotovela, reverente à volta do seu esquife, no passo que os velhos combatentes não podem conter os soluços, e alguns até desfalecem, quando um homem conhece tudo isso sem ter sido poderoso pela fortuna nem pelo domínio político, quando um homem conhece tudo isso unicamente por ter sido alguém em quem o seu povo se reconhecia, então êste homem foi realmente homem.

Ozório, que tanto sabia bater-se, como sabia dedilhar a viola, poetar, amar, gracejar, sofrer e compreender, foi por sua vez compreendido pelo povo brasileiro, que o admirou e amou também.

Para os seus soldados tornou-se um ídolo. Era o general que os soldados iam ver na sua tenda, em Itapiru, quando êle retornou à guerra, depois de prolongado afastamento. Os soldados acercavam-se da tenda, "olhavam-no reverentes e voltavam aos seus distantes acampamentos".

Assim era Ozório, o General, ao passo que na vida prática era o homem alegre, dado, justiceiro, isento de pragmatismo, sempre muito próximo de todos. Ademais, tivera

origem obscura e humilde, e começara na vida militar como simples lanceiro voluntário, aos quinze anos incompletos. Reflete, nessas condições, melhor que qualquer outro chefe militar brasileiro do passado, o sentido democrático da formação do nosso Exército.

Ao transcurso, portanto, do 1.º centenário da batalha de Tuiuti, se concentramos em Ozório o nosso pensamento e a nossa emoção, não estamos apenas cumprindo um dever de justiça histórica, porque pensar em Ozório, falar de Ozório, é fortificar o orgulho da nossa tradição heróica, ao mesmo tempo que reavivar o sentimento da vocação democrática do Exército Nacional.

DE MONTE CASEROS A TUIUTI

HISTÓRIA, ARMAS E FARDAMENTOS

GEN. DIV. FRANCISCO DE PAULA E AZEVEDO PONDE

Conferência proferida no dia 22 de junho de 1966

A Colônia do Sacramento, fundada em 1680 pelo Governador D. Manoel Lôbo, para que assentássemos limites no Rio da Prata, só nos trouxe descontentamentos, agruras, despesas e lutas, a começar pela prisão do governador, que morreu nas mãos do inimigo. Já, no ano seguinte, a primeira luta era travada e, daí em diante, portugueses e espanhóis sempre se bateram: em 1662, 1705, 1715, 1750, 1761 e, em 1762, quando Pedro Cebalos, vice-rei de Buenos Aires, conseguiu apossar-se do domínio português ao sul, com a Colônia do Sacramento, o Rio Grande e a ilha de Santa Catarina. Grande clamor público surgiu então no Rio de Janeiro, especialmente dos comerciantes, que mantinham a colônia com taxas impostas pelo Conde de Bobadela, que, naquele ano, doente e envelhecido, se desalentou e faleceu. (1 jan. 1763).

O Tratado de Santo Idelfonso, de 1777, nos tirou a Colônia e os Sete Povos das Missões, mas, em 1801, as milícias brasileiras e o governador do Rio Grande atravessaram as fronteiras, reconquistaram as Missões e empurraram os espanhóis para além de Cerro Largo e de Santa Tecla, até o Quaraim. A história da Colônia do Sacramento, da Cisplatina ou da Banda Oriental é série de lutas e desesperos até "Passo do Rosário" decidir a independência do Uruguai, que o Brasil garantiu manter, pela Convenção preliminar de paz de 27 de agosto de 1828.

Mas nem assim reinou a calma na República Oriental e nas fronteiras, para que a paz e a tranquilidade, indispensáveis à agricultura e à felicidade dos povos que a habi-

tavam, florescessem, e surgissem então o trabalho e o progresso. As correrias e as invasões continuaram e o desassossêgo e o terror reinavam em Montevidéu.

Rosas, na Argentina, afagava o sonho de absorver o Estado Oriental e a República do Paraguai, para reconstituir o antigo vice-reinado espanhol do Rio da Prata. Era a política do Império manter a independência dos dois países ameaçados pela ambição platina. Era a política internacional do partido conservador, defendida pelo Ministro Paulino de Souza.

Esta situação se agravou em 1850, quando Rosas, assinando a paz com a Inglaterra e a França, livre ficara para apoiar Oribe, que há 10 anos sitiava Montevidéu, com 14.000 homens de tropas regulares e veteranas, podendo ainda fornecer-lhe soldados, material e dinheiro, além de 13.000 homens das vizinhanças de Buenos Aires e 20.000 de milícias, que podia organizar em pouco tempo.

Nestas circunstâncias, já se antevia no Brasil a aproximação da luta e o Ministro da Guerra Brigadeiro Manuel Felizardo de Souza, em 1851, reclamava contra a falta de organização do Exército e a conduta científica do curso de formação de oficiais; e, em relatório à Assembléia Geral Legislativa, dizia: “Nenhuma Academia Militar conheço, semelhante à nossa: em tôdas, os cursos das ciências militares têm por fim fazer oficiais, obrigando os alunos a estudos apropriados e à prática; e, ao mesmo tempo, dando-lhes a mais rigorosa educação militar. A nossa Escola tem todos os elementos para fazer sábios; poucos, porém, para formar oficiais”, Reconheceu também, nesse mesmo ano, a necessidade de concentrar, na Província de S. Pedro, parte do Exército e, para dar a fôrça ali estacionada a conveniente organização, solicitou a criação das Repartições de Ajudante General, Quartel Mestre-General e Secretário Militar, “a fim de facilitar o andamento do serviço sempre confuso, quando não está dividido segundo seus diversos ramos”, o que foi efetivada em decreto n.º 762, de 22 de fevereiro do mesmo ano.

A situação do exército era precária; não existiam grandes unidades organizadas em tempo de paz e a tropa estava subordinada aos presidentes das províncias, por intermédio do comando das armas, que eram seis: Côrte, Rio Grande, Mato Grosso, Bahia, Pernambuco e Pará.

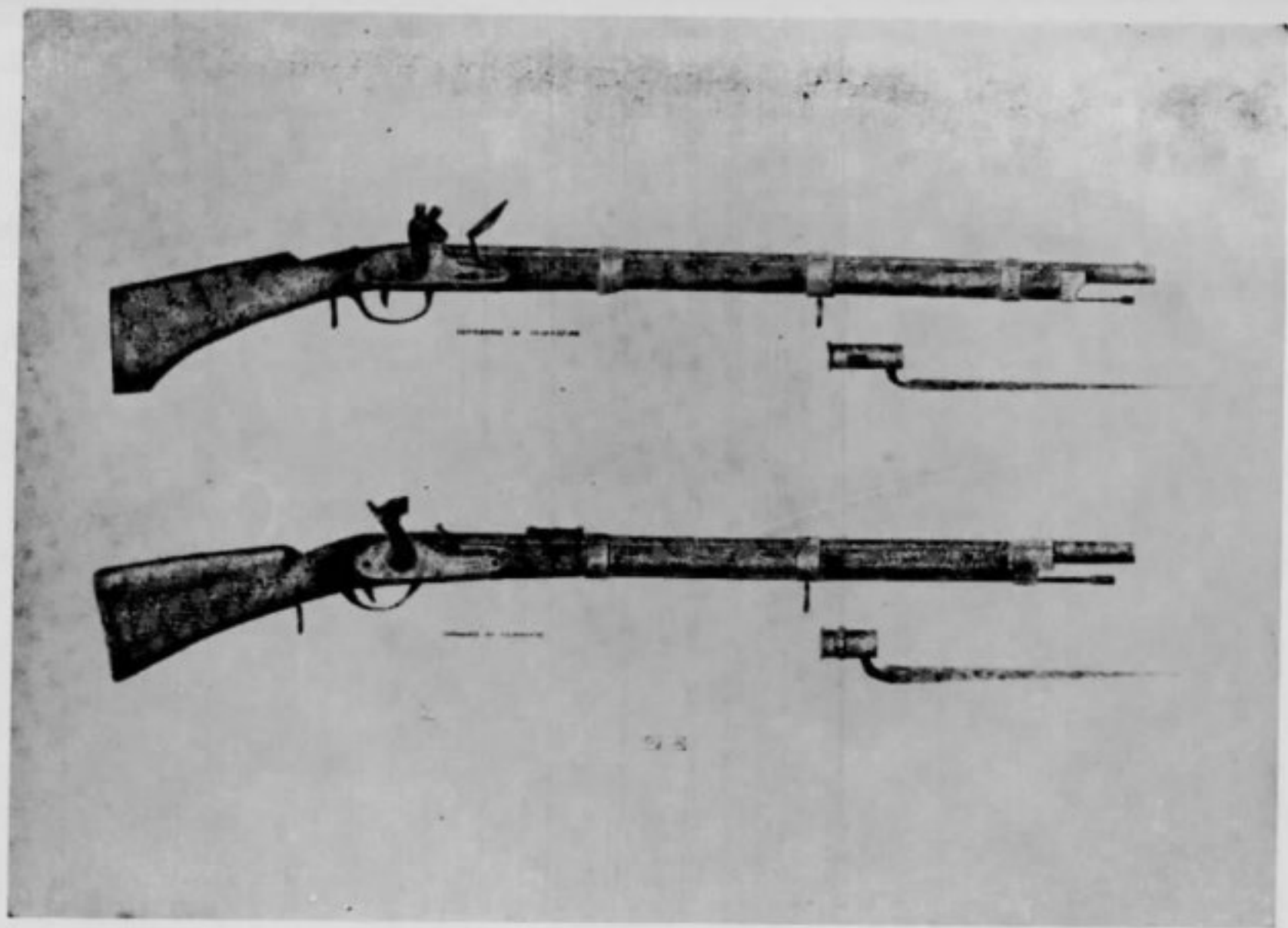


Figura 1 — *Arma de Pederneira*

Figura 2 — *Arma de Fulminante*

Usávamos ainda as armas portáteis de pederneira que “iam passar por importantes melhoramentos”: “as de pederneira”, de que ainda hoje usa o nosso exército, devem ser abandonadas e substituídas, “dizia o ministro Felizardo de Souza, “pelo que a ciência há ultimamente criado e a prática confirmado sua incontestável superioridade sobre aquelas”, e informava ainda que a “Nação que não promover os estudos militares, que continua a percorrer o estreito trilho da rotina, ficará de muito interior condição, quando tiver de decidir em combates questões internacionais”.

A “arma de pederneira” era anti-carga. Quando o cão girava sob a ação do gatilho, o silex, prêso nos mordentes, batia contra a bateria, produzindo pelo choque centelhas que inflamavam a escorva de pólvora negra fina que fôra colocada na “cassoleta”. Essas armas tomaram também o nome de “fusil” devido ao sistema de ferir lume. (Fig. 1).

As armas de pederneira, já antiquadas e de cadência de tiro reduzida, iam ser substituídas pelas de “fulminante”, que a técnica do armamento introduzira.

A “arma de fulminante”, conhecida também como de “percussão” (Fig. 2), possuía escorva de composição “fulminante”. Nela desapareceram as falhas ou negas constantes na do sistema de pederneira, devido ao engraxamento da “cassoleta”, à deteriorização da escorva de pólvora negra exposta à umidade e às eventuais interrupções do rastilho. Os fechos de percussão constituíram grande e importante transformação no armamento de infantaria, permitindo justeza de tiro, devido à constância e melhor iniciação de carga. Não influíam, porém, sensivelmente, na velocidade de tiro, que excepcionalmente atingia a cadência de três por minuto.

A composição da “cápsula fulminante”, que devia ser adquirida na Europa, era desconhecida no Brasil, quando, em, 1851, um oficial da “Comissão de Melhoramentos do Material do Exército” conseguiu fabricá-la e o ministro, entusiasmado com êsse acontecimento, relatou à Assembléia Legislativa: “a descoberta importante de um fulminato, que alguns químicos alemães conservavam em grande segredo, exigindo avultadas somas para comunicarem essa composição”.

A artilharia havia progredido consideravelmente nos último anos e canhões leves e de grandes calibres, montados

em melhores reparos, iam armar em breve o Corpo de Artilharia a Cavalo.

O Arsenal de Guerra da Côrte devia ser ampliado, porque se encontrava apertado no Calabouço, e a Fábrica de Armas, na Fortaleza da Conceição, aumentada e modernizada, “ao pé suficiente para nos colocar senão em total independência do estrangeiro ao menos para minorar a grande despesa, a que somos obrigados pela compra do armamento”, como enfatizava o Ministro.

Em 1850 e 1851, o Exército foi sacudido por grandes modificações, impostas pela experiência da “Guerra dos Farrapos” e pelo aperfeiçoamento do armamento na Europa. Aligeirou-se o equipamento, modificou-se o uniforme, procurou-se modernizar o armamento de acôrdo com as últimas notícias européas e reorganizou-se a tropa. O progresso das armas, como em todos os tempos, interligáva-se à tática, à estratégia e à logística. Nesse período, já era assinalante a influência de Caxias e de outros oficiais de valor profissional.

Na reorganização de 19 de abril de 1851, o “Corpo de Artilharia à Cavalo” passou a ter a designação de “1.º Regimento de Artilharia à Cavalo”. Foi a primeira unidade de artilharia criada no Brasil pela Regência Trina que, em 4 de maio de 1831, estabeleceu a seguinte organização do exército:

- 16 batalhões de caçadores;
- 4 corpos de cavalaria;
- 5 corpos de artilharia à pé;
- 1 corpo de artilharia à cavalo, que foi sediado no Rio Grande do Sul, porque, dizia Oliveira Viana, “meter os gauchos em regimentos a pé, seria condená-los à deserção”.

O exército brasileiro, sob o comando do general Conde de Caxias, desde 25 de novembro de 1851, se encontrava acampado na Colônia do Sacramento e, aos 14 de dezembro, partiu, para juntar-se às tropas de Urquiza, a 1.ª Brigada da Divisão, comandada pelo Brigadeiro Manoel Marques de Souza.

Entramos em guerra contra Oribe e Rosas com a organização do Exército ainda incompleta, mas, Oribe logo capitulou; e, aos 3 de fevereiro de 1852, defrontaram-se

aliados e rosistas, no caminho de Buenos Aires, totalizando 60.000 homens diante do povoado de Monte-Caseros e da quinta dos Santos Lugares, pertencente ao ditador, que ali se instalou com seu estado maior e 15.000 cavaleiros, 10.000 infantes e 1.000 artilheiros com sessenta peças e três estativas de foguetes de guerra, estendidos em posição de combate, com um flanco na chácara de Caseros, por traz de parapeitos, fósos e palissadas. Do nosso lado, cerca de 26.000 corrientinos e entrerrianos, na maioria à cavalo, 4.000 brasileiros na maioria a pé e 1.700 uruguaiois, com 50 canhões.

À divisão brasileira coube a parte mais brilhante e decisiva da peleja: atacando o centro do inimigo, apoderando-se da chácara de Caseros e realizando a presa de 22 bocas de fogo e uma bandeira, que, acabada a guerra, foram restituídas à República Argentina. Osório foi um dos heróis no comando do 2.º Regimento de Cavalaria. A batalha conhecida também como “batalha de Moron”, nome do arroio junto ao acampamento dos “Santos Lugares”, pôs termo ao governo de D. Juan Manoel de Rosas e deu glória ao futuro Conde de Porto Alegre, Brigadeiro Marques de Souza.

Ao deixar o território estrangeiro, em 31 de maio de 1852, Caxias proclamou aos soldados:

“Faz hoje nove meses que pisastes o território Oriental: neste curto período, percorrestes 300 léguas!

“Conseguistes uma glória imortal, desagravastes a honra da nossa Pátria; contribuistes eficazmente para a paz de dous Estados, para triunfo da mais santa das causas — a da Liberdade, da Humanidade e da Civilização. Está pois completa a nossa missão!”.

Findara a missão de Caxias nessa luta; e o grande brasileiro, como em todos os momentos de sua longa vida, mostrara-se magnânimo e superior. Esquecera velhas rixas e antigas incompatibilidades. E foi assim que David Canabarro, o bravo guerrilheiro que chefiara as forças farroupilhas, comandava uma das divisões; era ajudante general o Ten. Cel. José Feliciano de Mattos, ex-ministro da Guerra da República de Piratinin; Chefe do estado-maior, Miguel Frias, que, em 1831, na abrilada, quase proclamou a república no Campo da Aclamação; e o velho general Bento Manoel, que na Farrapos desbarata muitas vêzes a cava-

laria imperial era outro comandante, que, devido à idade, de carro comandava a tropa.

Como andavam porém armados e fardados os bravos de Caseros?

O armamento de infantaria constava de espingarda de pederneira e de fuminante, usando os fuzileiros o adarme 17 e os caçadores, o 15. Adarme era o calibre medido pelo pêso da bala em meias-oitavas.

Atiravam a pé firme, em ordem unida ou em linha de atiradores; os exercícios se executavam às distâncias de 200, 300 e 400 passos e as evoluções iam até a brigada comandada à voz e ao toque de corneta. A ordem unida era a instrução principal e as paradas, obrigatórias, só podiam ser dispensadas em fins ou inícios de jornada. No mais, eram realizadas com todo o cerimonial, música e bandeiras ao vento. E era espetacular: em meio a toques e dobrados, a tropa em uniformes multicores fazia e desfazia quadrados, marchava e desfilava num mundo de côres impressionante, de encarnado, azul, cinza e verde, e, brilhando ao sol, os metais das pederneiras e os dourados dos uniformes; e, acima deles, os estandartes e o auriverde pendão que tremulava.

O regulamento do Coronel Antônio Zagalo, foi substituído, logo ao iniciar-se a Campanha, por não haver número suficiente impresso, pelo do Lord Bereford, com os ensinamentos da "Guerra dos Farrapos". (Ordem do dia de Caxias n.º 9 de 20-7-1851.

Em Monte Caseros, foram experimentados os fuzis alemães "Dreyse", de agulha, de retrocarga, modelo 1841, armando cem atiradores dos 1.000 mercenários alemães, contratados na Europa pelo Governo Imperial presidido por Sebastião do Rêgo Barros, e contra a opinião publicamente expressa de Caxias.

A arma "Dreyse" realizou pela primeira vez a unidade do cartucho, reunindo em um só elemento a carga, a bala e a escorva. A percussão era obtida pelo percussor em forma de agulha que perfurava a carga de pólvora, antes de encontrar a escorva existente no culote do projétil. Um obturador plástico de couro, fixado na parte anterior da culatra, fazia a obturação; e um ferrólho, semelhante as das atuais armas de ferrólho, trancava a culatra.

Foram as primeiras armas de retrocarga e de ferrôlho empregadas no Brasil.

Na organização geral de 1851, os mercenários formavam um batalhão de infantaria e o 2.º Regimento de Artilharia a Cavallo.

A infantaria era assim armada:

— *Infantaria Ligeira — Caçadores*

- sabres curvos, de copos abertos e brazonados, para os oficiais;
- sabres-baionetas;
- carabinas de pederneira belga, marca Perlot; anti-carga;
- carabinas anti-carga e de fulminante, inglêsas Tower e Barnett e belgas de Malherbe, com sabre baionetas, depois de 1850.

— *Infantaria de Linha — Fuzileiros*

- baionetas triangulares;
- sabres retos modelo 1851 de copos abertos com cabeça de leão no punho, bração imperial na guarda e legendas: “Imperador e Nação, “Pátria e Constituição, para os oficiais;
- sargentinas para os subalternos;
- carabina de pederneira belga, Perlot;
- espingardas de alma lisa, anti-carga, e fulminante inglêsa Tower e Barnett, belgas de Malherbe, de calibre 9mm com baionetas triangulares depois de 1850;
- fuzis alemães Dreyse de agulha; (mercenários alemães).

A cavalaria era armada de lança e de espada; de pistola e de clavina de pederneira. Constituindo a lança a principal arma, como em tôda a cavalaria sul-americana. O Regulamento em vigor, o de Lord Bereford, general inglês que comandou o exército em Portugal.

Combatia-se a cavallo e dizia o regulamento: “os atiradores deverão escaramuçar com as clavinas ou pistolas altas; e quando fizerem a escaramuça com a pistola, deverão ter a espada pendurada no pulso”.

— *Cavalaria*

- sabre curvos do modelo 1851;
- lanças de travessão ou cruzeta;
- clavinhas Brown — Bess e Tower de 19mm, modelo de pederneira de 1822;
- clavinotes, clavinhas e pistolas de fulminante e anti-carga de calibre de 17 a 19mm, Inglesas de Barnett;
- pistolas de pederneira, inglesas de Tower e de Brown-Bess.

Artilharia

No início das operações o Exército possuía:

1.º Regimento de Artilharia à Cavalo — 19 bôcas de fogo, sendo 6 de calibre 12, 12 de calibre 6 e um obus de 5½ polegadas; 1 bateria de foguetes à Congreve; e uma bateria de alemães, com 4 bôcas de fogo, que mais tarde formou o 2.º Regimento de Artilharia à Cavalo.

Nessa campanha surgiu o apelido de “Boi de Bota” para os condutores e artilheiros do 1.º Regimento, que traicionavam os canhões por meio de bois.

Existiam ainda, na ordem de batalha, os 1.º e 2.º batalhões de artilharia a pé, armados de fuzil, recebendo o 1.º em junho de 1852, 6 bôcas de fogo.

A artilharia era de alma lisa, carregada com pólvora negra, anti-carga e atirava balas esféricas.

Os canhões de calibre 6 e 12 (calibre medido pelo peso da bala em libras) atiravam bala rasa (projétil cheio), a bomba (projétil ôco carregado de pólvora fina), o cacho de uvas e a lanterneta. Os obuses e canhões-obuses atiravam os mesmos projéteis; eram mais curtos e possuíam câmara para carga de projeção.

As alças da artilharia eram graduadas em braças e os canhões atiravam de 300 a 700 braças, isto é, cerca de 1.500 metros (a braça à 2,1 metros). O alcance era diminuto, a precisão insignificante e a rapidez pequena.

A artilharia era armada também com foguetes de quatro espécies: iluminativo, incendiário, de ligação e o explosivo — o obus. Eram empregados sobre zonas: massas de infantaria ou de cavalaria, especialmente contra

essas últimas porque apavoravam os cavalos. Eram do sistema à Congrève, lançados em estativas e alcançavam cêrca de 1.000 metros.

Os foguetes foram muito empregados na Europa. No dia 20 de outubro de 1813, a cidade de Dantzig foi destruída por foguetes; e o Corpo de Foguete Britânico se destacou na batalha de Leipzig contra Napoleão. As nossas estativas eram de origem austríaca.

Engenharia

Existia o corpo de oficiais engenheiros militares, mas não havia tropa da arma. O primeiro batalhão de engenharia foi criado em 1855, porém, em 1851, Caxias, pela ordem do dia n.º 9 de 20 de julho, criara “uma Companhia de Sapadores — pontoneiros”.

Em 1852, terminada a campanha, informou o Ministro da Guerra à Assembléia: “determinando os interesses vitais do Império a guerra contra o general Oribe, concentrou-se o nosso Exército, comandado pelo Conde Caxias, um dos nossos mais distintos generais, na vila de Sant’Ana de Livramento, tendo uma forte divisão na de Jaguarão”... “Em pouco mais de 30 dias se tinha lográdo o fim da campanha, mas, apesar dos resultados felizes, ficou evidente a falta quase absoluta da administração e fiscalização dos artigos bélicos e, apesar de haver na Província grande parte dêste material, o Exército marchou de Sant’Ana do Livramento não convenientemente abastecido”.

“Era de esperar que não houvesse necessidade de conservar reunida a fôrça de operações e que a despesa com a sua manutenção fora do Império cessasse, mas surgiu a questão dos tratados com o govêrno do Estado do Uruguai, e veementes presunções houve de que seríamos obrigados a conservarmo-nos naquele Estado e a passar ali o inverno, e talvez mesmo a começar a luta.” E o ministro continuava: “Imprudência, e mesmo crime seria em tais circunstâncias não tomar as providências necessárias por ter o Exército vestido, armado e municiado”.

O Laboratório de Campinho, dependência do Arsenal de Guerra da Côrte, fabricava os foguetes à Congrève, com eficiência comprovada contra massas de cavalaria, espe-

cialmente nos campos sem estradas para rodar a artilharia de campanha ou a artilharia de montanha. O próprio relatório de 1852 dizia: "Durante a guerra contra Rosas foram fabricados alguns centos (foguetes) e na paz apenas os necessários para o exercício e, por experiências continuadas, procurava-se melhorar sua qualidade".

A transformação das armas de pederneira nas de percussão tornou necessária a criação da oficina de cápsulas de fulminante no Laboratório Pirotécnico; e, na Fortaleza da Conceição, a Fábrica de Armas se encarregava da transformação das armas que ainda eram usadas na tropa. "Era tempo, dizia o ministro, de substituímos armamento tão inferiores aos dos mais exércitos e de armarmos o nosso de modo que não fiquemos de pior condição àqueles em que tivermos de nos bater".

O "Serviço de Material Bélico" não estava ainda organizado, e o ministro Manoel Felizardo de Souza e Meio, em 1852, reclamava: "Não existe atualmente entidade alguma que centralize a escrituração e fiscalização do armamento, correame e equipamento, dos diversos batalhões e regimentos, e daí provêm a enorme despesa que com tais gêneros se faz. Corpos há, que têm recebido em curtíssimo prazo, o dôbro e triplo de artigos que deviam durar por muitos anos".

O Serviço de Material Bélico, arreamento e equipamento foi mantido pelo Arsenal de Guerra da Côte, a Fábrica de Pólvora de Estrêla, o Laboratório Pirotécnico de Campinho, a Fábrica de Armas da Conceição e pelos Arsenais do Rio Grande, Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará, e alguns depósitos provinciais de artigos bélicos.

Os fardamentos e calçados eram fornecidos, até 1850, pelas "caixas de administração do fardamento" dos corpos, que os fabricavam em suas oficinas ou os encomendavam à indústria particular, ainda muito precária, dos locais mais próximos das Guarnições. O Decreto n.º 732, de 15 de novembro de 1850, porém, acabou com esta balbúrdia, determinando "por não ser conveniente ao serviço público que continuassem a funcionar as caixas de administração de fardamento dos corpos", que o fornecimento fôsse feito por um "Conselho Administrativo Provisório", criado em Pôrto Alegre. Essa providência, tomada com antecedência antes da guerra, não evitou que Caxias, nas visitas que passou pelas brigadas, achasse a fôrça mal armada e far-

dada, “tendo sido mesmo necessário mandar tirar as segundas mudas dos poucos corpos que a tinham para suprir a outros”. Posteriormente, porém, o fardamento foi distribuído em abundância ao Exército quando este chegou à Colônia de Sacramento.

Na guerra de Urubí e Rosas, os uniformes ainda eram os de 1845. Nos caçadores, eram verdes com paramentos pretos e botões escuros, de bronze ou massa, em duas ordens; e na barretina, a cruz de malta. Às vezes, boné de serviço, quadrado com borlas, outros redondo sem pala. Os fuzileiros tinham uniformes azuis com vivos brancos e chapa losangular na barretina. No sul, porém, os uniformes da cavalaria sofreram grandes modificações. Os músicos, como sempre aconteceu, tinham uniformes de fantasia enfeitados de metal branco e a imponência deles dependia da maior ou menor riqueza da caixa do batalhão. Até 1855, os corpos fardavam os próprios músicos de acordo com o plano adotado pelo comandante, que o submetia depois à aprovação do ministro. As bandeiras vermelhas com losângulo branco central com o número do regimento, ainda hoje usado pela tropa de cavalaria, vêm daquela época.

Em 1852, o decreto de 7 de agosto modificou os uniformes do Exército, acabando com as irregularidades existentes. Aproveitou, porém, o maior número de peças do anterior, em obediência principalmente ao fator econômico e à tradição. Os uniformes do Estado-Maior foram mantidos; apareceu o segundo uniforme com a sobrecasaca com uma só ordem de botões, gola bordada e mangas lisas. (Fig. 3)

A artilharia a pé tem vivos carmins para todos os batalhões: 1.º — gola carmin e canhões pretos; 2.º — o contrário; 3.º — tudo preto; 4.º — tudo carmin. A barretina do 1.º era carmin com cordões pretos; a dos outros, pretos com cordões amarelos. (Fig. 4)

A Guerra dos Farrapos e as campanhas do sul influenciaram bastante as fardas do exército e o Governo, em 1857, foi obrigado a regulamentar as túnicas de cores vivas dos corpos montados do Rio Grande do Sul. Assim, o 4.º Regimento de Cavalaria usou blusa vermelha, gola com vivos azuis escuros e canhões amarelos (Fig. 5). Os outros tiveram os mesmos uniformes variando as cores das golas e canhões.

A luta terminara em 1852 com a “Batalha de Monte Caseros”; mas, as divergências no estado oriental eram de molde a deixar-nos preocupados; e, em 1854, o ministro Pedro Belergade relatava que: “os distúrbios que têm tido lugar no Estado Oriental desde setembro do ano próximo passado colocaram o Governo Imperial na necessidade de prover a segurança da fronteira sul e a proteção dos muitos interesses de súditos brasileiros naquele Estado. Por isso, e para acautelar qualquer emergência, se mandou organizar sobre a fronteira de Bagé uma divisão de observação de 5.000 homens, de modo que pudesse entrar em operação à primeira ordem, autorizando-se para esse fim o destacamento de até 2.000 homens da Guarda Nacional da Província de S. Pedro”. E, em maio, a “Divisão Imperial Auxiliadora” entrava em Montevideu, requisitada pela República do Uruguai, em virtude do tratado assinado e composta de 4.029 praças de 1.^a linha e de 1.116 da Guarda Nacional, posteriormente, substituídas por 100 praças do 1.^o Batalhão de Infantaria do Rio de Janeiro, armadas com fuzis “à tige”.

O progresso do armamento continuava estacionário e o exército armado com pesadas espingardas de fuzil, usando ainda o incômodo e molesto correame antigo, e mochilas descomunais, cujo sistema de prisão, para facilitar a condução individualmente, tolhia a liberdade de movimento dos braços do soldado, comprimindo-lhe extraordinariamente a caixa torácica pelo peso da roupa e mais pertences ordinários.

O Laboratório Pirotécnico de Campinho fabricava, naquela época, considerável quantidade de espoletas para as espingardas de percussão e confeccionava cartuchame para as carabinas “Thouvenin”, conhecidas como “à Tige”, para as espingardas prussianas de agulha e para as de perdeneira; bem como alguns foguetes do sistema alemão. O Laboratório Pirotécnico do Castelo, confeccionava “munição de guerra de uso mais geral no Exército”. O Arsenal de Guerra da Corte, munição e artilharia.

As armas “Thouvenin”, raiadas, atiravam bala cilindro ogival e possuíam, no centro da parte posterior da culatra, haste aguçada onde a bala se apoiava. As pancadas da vareta na ogiva provocavam o recalque da bala contra as ráias e a penetração da haste no culote.



Figura 3 — Uniformes dos Oficiais do Estado Maior General.
em 1852;

- a) Marechal em 1.^a uniforme;
- b) Brigadeiro, idem;
- c) Marechal de campo, Vogal do Conselho de Guerra,
2.^a fala, idem;
- d) Marechal de campo em segundo uniforme.

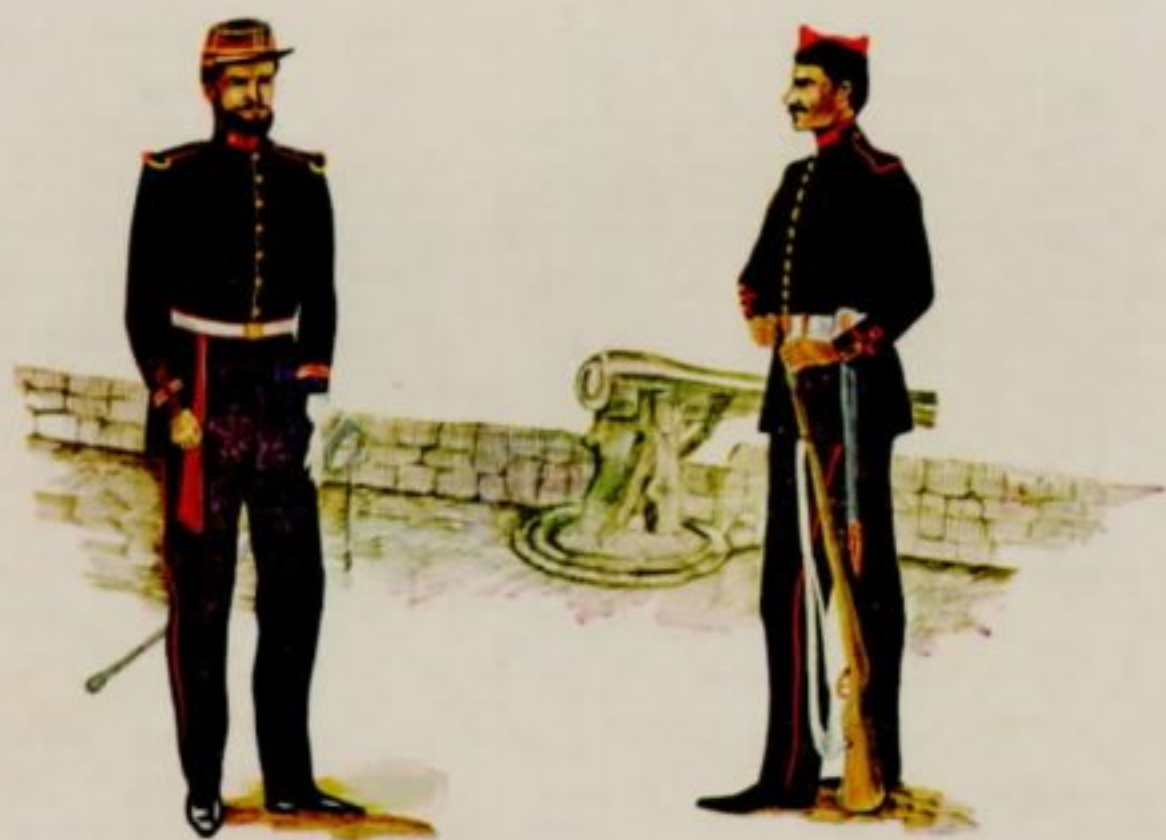


Figura 4 — Uniformes do 2.º batalhão de Artilharia a pé, em 1852:
a) Tenente em primeiro uniforme;
b) Praça de pré, idem.



Figura 5 — Uniformes dos corpos do Rio Grande do Sul em 1857:

- b)* Regimento de artilharia a cavalo — praça de pré em pequeno uniforme;
- b)* 3.º Batalhão de fuzileiros, praça de pré em 2.º uniforme;
- c)* Piquete do Presidente da Província — praça de pré;
- d)* 4.º Regimento de cavalaria, praça de pré em 2.º uniforme;
- e)* 5.º Regimento de cavalaria, praça de pré em 2.º uniforme.

Este sistema apresentava muitos defeitos, embora permitisse maior precisão e alcance; a deformação da ogiva da bala contra as raías da arma não permitia o descarregamento sem o tiro e, muitas vêzes, a haste entortava e partia.

Em 1857, o equipamento foi aligeirado, tomando-se como modelo os usados nos exércitos europeus, mas satisfazendo “plenamente as condições de sua necessidade, sem prejuízo da segurança e duração”, como informou o Marquês de Caxias. E, neste mesmo ano, procurou-se substituir o armamento de pederneira pelo de fulminante, mandando o Ministro Jerônimo Francisco Coelho que o Arsenal da Côrte transformasse os de pederneira em fulminante e fôsem encomendados outros na Europa: “Além dessa espécie de armamento, dizia êle, encomendei para a Europa porção suficiente de armamento raiado e de precisão à Minié”. Este armamento à “Minié”, era destinado a servir, de preferência, nos tempos de guerra, podendo servir nos tempos ordinários o armamento comum”.

“Minié” suprimiu a câmara dos armamentos anteriores e a haste de “Thouvenin”, deixando à própria ação dos gases da pólvora o trabalho de fazer o forçamento da bala contra as raías. A bala expansiva tinha o fundo vasado em cone, onde era adaptado um taco de madeira cilíndrico, que, durante o tiro, lhe dilatava o diâmetro, dando-lhe travamento uniforme nas raías. Este foi o maior progresso das armas anti-cargas.

Nas transformações da arma de fuzil para a de fulminante, trabalhou ativamente a Fábrica de Armas da Conceição e, nos acessórios exigidos pelos novos armamentos, o Laboratório do Campinho, confeccionando cápsulas fulminantes e cartucheira especial. O Arsenal de Guerra da Côrte trabalhava no correame apropriado.

As armas, à medida que iam ficando transformadas, eram distribuídas pela tropa. Aos batalhões de infantaria de linha da Província do Rio Grande do Sul, porém, foram distribuídas armas de sistema “Thouvenin”, enquanto batalhões do norte e da Côrte receberam espingardas de agulha. Assim, pretendia o Ministro verificar, experimentalmente, qual dos sistemas oferecia maior duração e melhor emprêgo. A cavalaria foi armada com clavinhas de agulha.

Em 1860, o Exército ainda não se encontrava totalmente armado com o sistema “à Minié”, mas o governo contava, dentro de curto tempo, poder distribuí-lo por todos os corpos. No ano seguinte, informava o Ministro Caxias que: “a alguns dêles já têm sido distribuídas as de Minié, que são as que melhor têm provado nas últimas guerra da Europa, e que, por essa razão, devem ser definitivamente e geralmente adotadas no nosso Exército”, que, no entanto, continuou com as armas de pederneira com adarmes diferentes, exigindo diferentes munições e peças de equipamentos especiais, que, foram a causa da confusão e engano nos laboratórios pirotécnicos, nos arsenais e na distribuição pelos corpos, resultando, como dizia Caxias, “fatais conseqüências em qualquer operação de guerra”. Esse inconveniente foi sanado com o recolhimento e uniformização dos calibres na maior dimensão, embora a munição de calibre menor sofresse perda de alcance, pelo vento que passaria a existir entre a bala e a alma da arma. Essas armas foram distribuídas à Guarda Nacional, em grande parte desarmada.

Em 1861, os corpos continuaram ainda usando o pesado e incômodo equipamento antigo, que só muito lentamente foi substituído pelo aligeirado que “a experiência da guerra tinha feito adotar nos melhores exércitos da Europa, como mais útil e vantajoso nas manobras e nos combates”, dizia Caxias.

A organização do Exército, na parte relativa aos corpos móveis, era atrasada e irregular o serviço que êles executavam, fazendo Caxias, em 1862, reclamar que: “nem de modo algum se compadece com os princípios que regulam a administração instrução e disciplina dos corpos móveis; daí os defeitos que progressivamente se agravam pela natureza do serviço (meramente policial) em que são empregados nas províncias, onde permanecem disseminados em pequenas frações pelos diversos pontos dos respectivos territórios. Nesses corpos, assim empregados, a instrução prática é nula, a disciplina fatalmente se relaxa, a fiscalização dos dinheiros públicos torna-se embaraçosa e os estragos no armamento, equipamento e fardamento são quase infalíveis”.

Mas a situação no sul não se mantinha boa e as conseqüências da capitulação concedida por Urquiza a Oribe, em 1851, ainda se faziam sentir. O partido “blanco”, facção

oribista, que continuara no poder, ainda nele se mantinha e, em breve, seríamos obrigados a lutar pela defesa da nossa honra e direitos.

Caxias se interessava sobremaneira pelo aperfeiçoamento do Exército, especialmente pelo armamento, equipamento, ainda precários, e, no ano de 1862, como ministro, informou as medidas que tomara: “existindo desaproveitados em diversas províncias alguns canhões de bronze com espessura bastante para poderem sofrer a broca sem perigo de danificar as respectivas paredes, mandei-os transportar ao Arsenal de Guerra da Côrte, onde fiz montar máquina movida à vapor, a fim de ver se era possível raiá-los. De fato surtiu efeito a experiência, não só com facilidade praticam-se o melhoramento que é hoje essencial na arma de artilharia, como porque a peça, depois de raiada, aumenta consideravelmente o seu alcance. Assim, bem podemos prescindir de importar no estrangeiro artilharia raiada que nos custaria avultadas somas, transformando a que possuímos naquele de que atualmente usam com tanta vantagem os exércitos europeus”.

Preparávamos o Exército, e Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão, no ano seguinte ministro, pediu a criação de um estado maior especial para a artilharia: “composto de oficiais habilitados com os conhecimentos teóricos e práticos que lhe são relativos e com os das ciências accessórias indispensáveis às suas diversas aplicações e trabalhos técnicos.” E nesse mesmo ano participou que havia procurado melhorar o sistema de defesa da costa, “sendo indispensável resguardar outros pontos igualmente importantes e ainda não fortificados”, referindo-se às fronteiras; e, sobre a falta de material de artilharia, informava que: “não havendo (bôcas de fogo), porém, em número e qualidade que bastasse para que as fortificações ficassem em bom pé de defesa, como é mister, resolveu o govêrno mandar à Europa uma Comissão composta de oficiais habilitados, encarregados de fazer a aquisição de artilharia de diversos calibres, recordando-se-lhe muito expressamente que procurasse obter da melhor, segundo as últimas experiências, para o fim que se deseja”.

As dissensões internas na antiga Cisplatina continuaram e as coisas pareciam piorar dia a dia; e, em maio de 1864, dizia o ministro José Mariano de Mattos: “Ainda agora as dissensões do Estado oriental obrigou-nos a dupli-

car a fôrça de nossas divisões na fronteira do sul, e rara será a quadra do ano, em que a tranqüilidade daqueles povos deixe-nos também em socêgo”.

“Temos, constantemente, de observar e reprimir as discussões em nosso território; temos também, como presentemente, de evitar que entre nós se disponham e remetam auxílios aos partidos armados naqueles campos; e para tudo isso é necessário fôrça”.

“Para alguns pontos das nossas fronteiras, bem que nenhum se mostre de ordinário expôsto à turbulência de vizinhos, preciso é têmos destacamentos e auxílios para qualquer emergência, tanto mais que as distâncias não permitem pronto socorro no momento do perigo”.

“Em Mato Grosso, por exemplo, devemos conservar fôrça de linha; seria imprudência reservar a sua remessa para quando circunstâncias inesperadas a reclamassem, e o que dessa província digo, applicável é a outras, ainda que por motivos diferentes”.

“Muito se tem escrito nos últimos tempos, grandes melhoramentos se têm introduzido na artilharia. Haveria da nossa parte indêsculpável imprevidência, se não procurarássemos acompanhar a êste respeito, bem como a outros, o progresso dos exércitos europeus”.

No Laboratório de Campinho a intensidade era grande e lá eram fabricados “os mais necessários artificios de guerra em quantidade sufficiente para o uso do exército, não sendo inferiores aos que recebíamos da Europa”, na informação do ministro.

No ano anterior, o Ministro Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão havia enviado comissão à Europa para aquisição de armamento de infantaria, cavalaria e artilharia e dos projectis respectivos, e diziam as instruções ao Coronel Francisco Antônio Raposo para “pôr-se em relação com os fabricantes das bôcas do fôgo e projectis, e entrar em ajustes, de modo que, sem perda de tempo, se possam efectuar os contactos de tôdas as partes da encomenda que dependerem de diferentes fabricantes; preferindo entre os concorrentes, aquêles que, sob iguais condições de preço e perfeição de obra se propuzerem prontificá-la no menor tempo possível.” Estabeleceu que as armas seriam as de 14,8 mm de calibre, devendo ser remetido, logo que chegasse à Europa, um fuzil raiado modelo dos caçadores

suíços, e cingindo-se “quanto aos mosquetes, clavinas, carabinas e fusís raiadas dos calibres 14,8 mm que últimamente nos vieram das fábricas de Liége, onde existem e são conhecidos os respectivos modelos sob a denominação de calibres brasileiros...”

— Para a artilharia:

Mosquetões com sabres baionetas em forma de Yatagan, de calibre 14,8mm (à Minié)	1.000
--	-------

— Para a cavalaria:

Pistolas revólveres de 6 tiros (Lefauchaux) (1), para oficiais	1.000
Clavinas de cavalaria, fechos do sistema francês moderno de calibre 14,8mm (à Minié)	3.000

— Para a infantaria:

Fuzís raiados, modelos dos caçadores suíços, de calibre 14,4 mm (à Minié)	10.000
Número de pistões que se julgar preciso, de sobresalentes.	

Rio de Janeiro, 7 de fevereiro de 1863 — Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão.

“Nota do armamento de artilharia e munição que se encomendou para a Europa:

— Bôcas de Fôgo

Peças de aço raiadas, de calibre 80 (Whitworth) (1)	25
Ditas de aço raiadas, de calibre 24	40
Ditas de aço raiadas, de calibre 12	20

— Projetis

Projetis oblíquos, ogivais, ôcos, de ferro fundido (sistema Whitworth) (1), de calibre 80	5.000
Ditos, ditos, ditos 24	8.000
Ditos, ditos ditos 12	4.000

Rio de Janeiro, em 6 de fevereiro de 1863 — Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão”.

No ano de 1864, de 4 de janeiro à 31 de março, a “Comissão de Melhoramentos do Material do Exército, “chefiada pelo Coronel de Engenheiros Henrique de Beaupaire Rohan havia examinado o seguinte armamento vindo da Europa:

Espingardas belgas, 14,8 (à Minié)	3.160
Carabinas ditas, ditas	160
Clavinas de cavalaria, ditas, ditas	952
Pistolas revólveres (Lefauchaux)	998
Espadas de Cavalaria	2.916

e no relatório de 1868, dizia o ministro Paranaguá:

“Material do Exército — Armamento — O armamento portátil do nosso Exército, não obstante a grande vantagem da presteza de tiro que com o carregamento pela culatra têm adquirido, modernamente, as armas de fogo portáteis, continua quanto a esta espécie a ser o de carregamento pela bôca, raiado, de calibre 14,8 milímetros, conforme o modelo que adotamos desde 1858, conhecido hoje por modelo brasileiro, e o do mesmo sistema, conforme o modelo inglês (Enfield), cuja principal diferença em relação ao nosso consiste em ter o calibre um pouco menor, 14,66 milímetros.

“Consta êsse armamento portátil da espingarda com a competente baioneta, que constitui o armamento dos corpos de fusileiros; da carabina com seu sabre baioneta para os caçadores; do mosquetão com o “Yatagan” para os artilheiros e engenheiros, e finalmente da clavina, pistola, espada e lança para a cavalaria.

“Além deste armamento especial para as praças dos diferentes corpos e armas do exército, adotamos, desde o começo da guerra, e conservamos até hoje, o revólver de 6 tiros, de calibre 12, do sistema Lefauchaux, para armamento e defesa pessoal dos oficiais”.

A maior parte do armamento portátil usado era raiado e de carregar pela boca (anti-carga), usando-se também ainda, como vimos, o de alma lisa obtidos, muitos deles

pela transformação dos de pederneira ou fusil em fulminante. Aliás é o que se vê num dos mapas do relatório do Ministro em 1866:

Pistolas à Mimié 14,8.

Pistolas Lefauchaux.

Pistolas lisas de 12.

Vemos assim o interesse que sempre existiu nos ministros da guerra em melhorar o armamento e a organização do Exército. A situação no Prata mostrava que brevemente teríamos de intervir, como já acontecera em 1851, quando marchamos contra Oribe e em 1852 contra Rosas. Dois anos depois, a fim de livrar o Uruguai da anarquia, ocupâmo-lo militarmente a seu pedido e agora, dez anos mais tarde, o horizonte se enegrecia e o sangue corria nas ruas de Montevideu. A luta entre os partidos “blanco” e “colorado” se desenhava cada vez mais ferrenha, e, em 1864, o presidente Berro, do partido “blanco”, passou o governo a Aguirre, seu sucessor legal. O Brasil concentrou tropas na fronteira, e interveio depois, informando o Visconde de Camamú, em relatório de maio de 1865, que:

“As nossas forças entraram em o território Oriental, porque as mais razoáveis reclamações que fizemos ao governo de Aguirre, não foram por elle atendidas.

“Nem a moderação das nossas reclamações, nem a prudência com que o distinto Diplomata em Missão Especial (Tamandaré), que as iniciara, procurou chamar o governo daquele Estado ao conhecimento dos seus próprios interesses, foi bastante para se evitarem os efeitos sempre funestos de uma guerra”.

“Não a desejávamos, não a provocamos; esforçamo-nos, ao contrário, por decidir pacífica e amigavelmente questões de bastante importância, porque de nada menos se tratava do que da segurança da propriedade, e da existência de grande número de brasileiros estabelecidos no Estado-Oriental”.

E mais adiante:

“Agora, porém, logo que Aguirre cerrou os ouvidos à razão, urgente foi apoiar o nosso direito, e as nossas forças

vitoriosas levarão brevemente o desengano à facção acastelada em Montevideo”.

A entrada das forças brasileiras no Uruguai, desencadeou a invasão paraguaia no nosso território, e que há muito já estava sendo cuidadosamente programada e preparada; e, no mesmo relatório, continuou o Visconde de Camamu:

“Achando-se o nosso Exército desembaraçado da campanha oriental, principiou já a sua marcha para Mato Grosso a fim de restituir àquela importante província a paz e segurança, de que a tem privado a invasão paraguaia.

As notícias, porém, eram difíceis naquela época e os meios de comunicações quase não existiam. Assim, as informações sobre a invasão de Mato Grosso pelo Paraguai custaram a chegar ao Ministro da Guerra, que, no relatório de maio de 1865, assim se dirigiu à “Assembléia Legislativa: “Devo nesta ocasião confessar-vos que repreensível se torna o silêncio, ou a nenhuma atividade nas primeiras autoridades de Mato Grosso, nenhuma das quais tem procurado informar o governo de quanto há ali ocorrido”.

“O que sabemos consta de cartas particulares; e do movimento, o ponto em que se acham as forças organizadas na capital da província, nada tem ao certo chegado ao conhecimento do governo, sendo atrasada a correspondência recebida”. (Relatório de 1865).

E continuava:

“A tomada de Paissandú (2-1-1865) fortemente guardado, e amparado por seguras trincheiras, atesta incontestavelmente que o soldado brasileiro em valor, disciplina e bravura, nada tem que invejar aos melhores soldados do mundo: e esta verdade se reconhece gloriosamente, quando vemos que cerca de cem homens puderam, no forte de Coimbra, enquanto tiveram munições, repelir as cargas de mais de 4.000 paraguaios que acometeram”.

A guerra forçou a uniformização dos fardamentos dos corpos do Exército, de modo que, como dizia o Decreto: “atendendo-se às regras da simpleza e da economia, os corpos de uma mesma arma tivessem um só uniforme, com a única diferença no número de botões, e que esse mesmo

uniforme, com alguns distintivos, servisse para os dias de Gala”. (Decreto n.º 3.620 de 28 de fevereiro de 1865).

Mas a guerra prosseguia, e, aos 18 de setembro de 1865, renderam-se os paraguaios que haviam invadido e ocupavam a Vila de Uruguaiana, sob o comando do General Antônio Estigarribia. Entregaram-se 5.115 homens, com 7 bandeiras e 6 canhões na presença do Imperador Dom Pedro II, dos Generais Mitre, presidente da República Argentina e Flores, governador provisório da República Oriental. Presenciaram também a rendição o Marechal Conde D’Eu, o almirante Duque de Saxe, o Marechal Caxias e o General Cabral (Barão de Itagipe). O exército aliado compunha-se de 17.346 homens, sendo 12.393 brasileiros, 3.733 argentinos e 1.200 orientais. Comandava o Exército Brasileiro o General Barão de Pôrto Alegre. O Almirante Tamandaré comandava a esquadra.

Vejamos a policromia dos uniformes na rendição de Uruguaiana, descrita por Afonso de Carvalho (4) — “Os sitiante estenderam-se em arco de círculo, prontos para o assalto. Sobressaem na paisagem triste e pobre o azul e branco dos batalhões argentinos e, sobretudo, os uniformes francêses marciais da Legião Militar e do Batalhão de San Nicolas; as duas divisões comandadas por Caldwell e pelo Barão de Jacuí, ostentando largos ponches enfunados ao vento, e fitas vermelhas no chapéu que se agitam como flâmulas de guerra; — as boinas encarnadas dos orientais semelhantes às dos bascos; os “xiripás” dos infantess e os uniformes cinzentos da artilharia.

“Como viva mancha de sangue, berrantemente vermelha, destaca-se o Batalhão dos Zuavos Bahianos, formados de pretos, indígenas e mulatos.

“Essa massa de gente distendida em várias tonalidades estremece com ligeiras flutuações.

“Está pronta para avançar.

“Em posição dominante lá está, como em Caseros, heráldico, decorativo, rutilante em seu uniforme, cheio de condecorações e chamarrado de ouro, o Murat Brasileiro — o Conde de Pôrto Alegre.

“Caxias ao lado do Imperador assiste o Exército preparar-se para a arrancada decisiva e à 1 hora da tarde o General Estigarribia, comandante da “Division Paraguaya

em Operaciones sob el Rio Uruguay” decide-se a tratar da rendição, aceitando a proposta de 18 dias atrás.

“Tamandaré, que acabava de chegar, acerca-se do Imperador, fardado de Coronel dos Voluntários, com ponche de abertura bordada e kepi agalado”.

A guerra fêz chamar às armas os Guardas Nacionais e, ao apêlo da Nação insultada, responderam milhares de Voluntários da Pátria, que tomaram a mais brilhante parte na campanha, combatendo nos corpos organizados logo ao primeiro chamado ou preenchendo claros nas fileiras da tropa de linha, junto dos veteranos das lutas anteriores.

Na modificação dos uniformes, fôra enorme a influência francesa. Os Generais passaram a usar o Képi, chamado à “Cavaignac”, por ter sido o general francês desse nome o primeiro a usá-lo. E a moda passou a ser o Képi, a barbicha em ponta ou o cavanhaque, como estamos habituados a ver nos retratos de Sampaio e de outros chefes militares daquela época. Conservou-se a sobrecasaca, veio o ponche-pala, botas reforçadas, espadas próprias para a luta e, alguns, como Osório e Câmara, armaram-se de lança, seguidos por outros oficiais. A artilharia a cavalo uniformizou-se à Gaúcho.

A confusão dos armamentos, equipamentos e fardamentos, no início da campanha, foi grande e dificuldades surgiram em fornecê-los regularmente, porque era impossível prever-lhes o tempo de duração durante a luta. Nessas condições, alguns chegaram a andar descalços, outros de alpercatas, de coturnos, de chapéus de feltro ou de pano, de gôrro e de képi com capa branca (Fig. 8) argelina ou não. Eis como Dionísio Cerqueira a descreveu:

“Não só os que tinham feito a recente campanha do Uruguai, como os que vinham chegando, estavam desprovidos de fardamento e equipamento. Os nossos arsenais não podiam, pelo que se via, satisfazer as nossas necessidades; e o Ministro da Guerra, Visconde de Camamu, ordenou ao General Osório que mandasse comprar no Rio da Prata o que fôsse necessário.

“Dai, originou-se a falta de uniformidade, do nosso fardamento. Recebí uma blusa de baêta vermelha, alpercatas de “gringo” com sola de corda trançada e “calzoninhos” de de gaúcho com franjas.

“Não era raro o uso da “chiripá” na nossa cavalaria; e o ponche-pala dir-se-ia peça regulamentar do uniforme. Desde o general em chefe até as suas ordenanças, usavam-no todos. O próprio general Sampaio, que podia ser apontado como modelo em qualquer exército, ainda o mais rigoroso na disciplina, usava muitas vezes o seu de “bicunha”, de côr amarelada sôbre a farda nova, bordada a ouro. O uso do chapéu de feltro negro tornou-se geral. O do General Osório, de copa alta, dava-lhe um tom aguçado especial, que o tornava muito simpático e criou-lhe o tipo, como a “cartola” fêz o do General Urquiza”.

Como o efetivo do Exército era muito pequeno, antes da guerra, o grosso das tropas foi composto de cavalaria provisória, Guarda Nacional e Voluntários da Pátria, para os quais não havia plano definitivo de fardamento. “Os primeiros batalhões apresentaram-se com os do Exército ou aproveitando fardas das unidades de polícia e da Guarda Nacional de que se originaram. Mas todos traziam, no alto da manga esquerda, um emblema especial: a corôa imperial sôbre uma fita com o distico — Voluntário da Pátria” (9).

“Usaram o chapéu redondo, prêto, com número e tope, o képi-cavanhaque com vivos verdes, amarelos, ou vermelhos. Alguns vestiam a blusa denominada gandola, ampla e preguiada e gôrro redondo baixo. A farda dos Zuavos da Bahia era quase igual à dos seus congêneres da Argélia, então muito em voga até nas tropas pontificiais”. A Bahia formou também para a guerra do Paraguai, a companhia de Couraças ou Couraceiros, vestidos de couro.

As figuras mostram os uniformes do *Estado-Maior General e Corpos Especiais* — usados em 1865. (Fig. 6)

a) oficial general em pequeno uniforme, com kepi com capa branca;

b) idem, com ponche-pala e chapéu de feltro.

Fig. 7 — 1.º *Regimento de Artilharia à Cavalo* -- 1865-1872.

a) cabo clarim em pequeno uniforme;

b) capitão, idem;

c) sargento, com uniforme de meia gola;

d) soldado, uniforme à gaúcha.

Fi. 8 — *Cavalaria* — 1866-1870.

a) oficial, com ponche, lenço, chapéu de feltro negro e lança;

b) soldado, com képi de capa branca, botas reforçadas e chilenas;

c) soldado, com ponche pala, chapéu de feltro negro e lança.

Fig. 9 — *Artilharia a pé* — 1866-1870.

a) tenente, pequeno uniforme;

b) praça de pret, pequeno uniforme.

Fig. 10 — *Voluntários da Pátria* — 1865-1870.

a) coronel do 41.º Batalhão da Bahia, em segundo uniforme;

b) alferes do 7.º de São Paulo, idem;

c) voluntário da Pátria em 2.º uniforme.

Fig. 11 — *Voluntários da Pátria* — 1865-1870.

a) capitão, em segundo uniforme;

b) sargento, idem;

c) Zuavo da Bahia;

d) voluntário em segundo;

e) idem.

“O exército formava uma sinfonia de côres sôbre o campo pardacento, como escreveu Galvez em “Jornadas de Agonia”.

“Nas bombachas, nas túnicas, nos punhos, cantavam e correspondiam-se em ardente contraste, o roxo, o azul, o amarelo, o branco, o ouro, o carmezin. Aqui, calças de brilhante alvura; ali, calções azuis; além, bombachas de xadrez. E que variedades de linhas! Cada batalhão, com diferente uniforme. Nuns, képis; noutros, chapéus com barbicacho. Não faltavam chiripás. Nem os lenços de sêda, frouxamente atados ao pescoço. Porém nada mais pitoresco do que os Guardas Nacionais do Rio Grande: barbas até o peito; melenas que desciam pela cintura; adagas de empunhadreira em cruz e bainha de prata; largas espadas; gigantescas lanças com conto de prata ou de aço polido; o par de pistolas na cintura; enormes esporas — as clássicas chilenas, nazarenas ou choronas dos gaúchos — de tão grandes rosetas que apenas lhe permitiam caminhar; bombachas vermelhas ou negras; ponchos de vicunha de variadas côres e bordados de sêda; e chapéu de feltro, de abas estreitas, cobertas de nanquim roxo e prêso na ponta do nariz por barbicacho de bola. Ali estavam, arrogantes e



Figura 6 — Uniformes do Estado-Maior General em 1865.

- a) Oficial general em pequeno uniforme, com quepi, botas reforçadas e manta;
- b) idem, com ponche-pala, botas, esporas e chapéu de feltro.



Figura 7 — 1.º Regimento de Artilharia a cavalo:
a) cabo clarim em pequeno uniforme;
b) capitão, *idem*;
c) sargento em uniforme de meia gala;
d) soldado em uniforme à gaúcha.



Figura 8 — Uniformes da Cavalaria em 1866-1870:

- a)* oficial com ponche, lenço, chapéu de feltro negro e lança;
- b)* soldado, com quepi de capa branca, botas reforçadas e chilenas;
- c)* soldado, com ponche-pala, chapéu de feltro negro e lança.



Figura 9 — Artilharia à pé em 1866-1870:
a) tenente em pequeno uniforme;
b) praça de pré em pequeno uniforme.



Figura 10 — Voluntários da Pátria — 1865-1870:

- a) coronel do 41.º Batalhão da Bahia, em segundo uniforme;
- b) alferes do 7.º de São Paulo, idem;
- c) voluntário da Pátria em segundo uniforme.



Figura 11 — Voluntários da Pátria — 1865-1870:

- a) capitão em segundo uniforme;
- b) sargento, idem;
- c) zuavo da Bahia;
- d) voluntário em segundo uniforme;
- e) idem.

magníficos junto dos cavalos — seu luxo — dos quais jamais se separavam e aos quais tosavam as crinas e atavam a cola; pura prata lavrada nos estribos, as cabeçadas, as rédeas e, na anca, sustentadas por pelêgos, as boleadeiras de marfim ou de ferro; retovadas de couro, e o laço bem trançado”. (4)

A luta, porém, não terminara ainda, e os brasileiros ocuparam a Ilha da Redenção (5-4-1866), onde morreu Villagran Cabrita a 10 de abril; depois veio Itapirú (18 de abril) e Estero Belaco (2 de maio), e o dia 24 de maio “amanheceu claro e sereno” como escreveu Dionísio Cerqueira.” Antes da alvorada, formamos para o alarma. Vimos, pouco a pouco, surgindo da escuridão, as alvas tendos do grande exército estendido em colunas por aquêles cochilos afora. Depois, os tons róseos da madrugada alta foram-se tingindo de púrpura e doirando-se à aproximação do sol, que se levantou rubro, achatado, rútilo e, cortado ao meio, por uma cinta esbranquiçada de “stratus”, como uma ágata imensa onde o gênio do Brasil gravaria, com aquêles esplendores, uma data das mais memoráveis da história.”

“Radiante surpreendeu-os o dia 24 de maio, marcando uma época memorável para nossa história, porque nela estrondoso triunfo firmou ainda mais a reputação das armas do Império”, relatou o Ministro da Guerra João Lustosa da Cunha Paranaguá, em maio de 1867, e continuando: “No dia 20 havia marchado o exército aliado, forçando as posições da vanguarda inimiga, e acampava a três quartos de légua do seu campo entrincheirado de Riojas, quando, no dia 24, das 11 para as 12 horas da manhã, hora em que acabava de reunir suas munições, o inimigo, transpondo as trincheiras e favorecido pelas matas, que encobriam seus primeiros movimentos, com tôdas as suas fôrças reunidas, caía de improviso sôbre êle, atacando pela energia pela direita, centro e esquerda”.

“Na ordem do acampamento do exército aliado, ocupava a direita o aguerrido exército argentino, no centro estava o denodado General Flores com o exército da vanguarda, o qual tinha sido reforçado com duas brigadas mais da 6.^a Divisão de Infantaria do nosso Exército comandadas pelo brigadeiro Vitorino José Carneiro Monteiro, com a 3.^a do Comando do General Antônio Sampaio, e com o 1.^o Regimento de Artilharia a Cavalo; guardavam a esquerda a 1.^a Divisão comandada pelo general Alexandre Gomes Argolo Ferrão, a 4.^a comandada pelo General José Luís Mena Mar-

reto, a 5.^a pelo Coronel Tristão José Pinto, o 4.^o e 3.^o batalhões de artilharia e a respectiva brigada auxiliar”.

“O inimigo apresentou suas forças desenvolvidas em colunas de ataque, nas quais vinham predispostas as três armas de modo a produzir o maior efeito nos pontos das posições aliadas, supostas por êle mais vulneráveis”.

“Rápida foi a transformação da ordem do acampamento para a de batalha: as divisões e mais força brasileira, que constituíam a esquerda do acampamento, e ocupavam neste a 2.^a e 3.^a linha, formavam também a esquerda da linha de batalha; foi aí a princípio mais vivo o combate, porque por êsse flanco atacou o inimigo, ao mesmo tempo ameaçando a retaguarda”.

“Tornou-se depois geral e mais renhido o combate, sendo necessário reforçar-se o centro da linha com seis bôcas de fogo e com a 4.^a divisão brasileira, o bravo general Osório com a 4.^a, 5.^a e 6.^a brigada auxiliar e o resto da artilharia ficou na frente, opondo eficaz e mortífera resistência ao inimigo da esquerda, que foi daí logo rechaçado, sendo derrotado e fugindo por todos os lados depois de 4½ horas de combate. O inimigo, com suas colunas de ataque, arremessou-se com impeto e celeridade, a fim de melhor subtrair-se à eficácia do fogo; não tardaram, porém, essas colunas a estacar na barreira do norte que lhes opunham os intrépidos soldados da aliança, fazendo-lhes pagar bem caro sua ousadia”.

“Foi essa, sem a menor contestação, a mais vigorosa e sanguinolenta batalha que se tem ferido na América do Sul”.

“O inimigo deixou no campo, pela sua direita, onde encontrou-se com as divisões brasileiras, mais de 3.000 mortos, 4 canhões obuzes, 2 bandeiras, 1 estandarte, 9 caixas de guerra, 12 carretas, 3.523 armas de infantaria, e grande porção de outras armas”.

“O exército brasileiro teve fora de combate 413 mortos, compreendidos 29 oficiais, 2.094 feridos, inclusive 193 oficiais, 18 oficiais contusos, sendo 2 oficiais generais, e 70 praças”.

O relatório do Ministro da Guerra de 1867 descreveu a batalha de Tuiuti, mas silenciou sobre Sampaio, o Comandante da “Divisão encouraçada”, o herói que, ferido três vezes, não abandonou o posto e morrera dias depois,

quando transportado para Buenos Aires. Nada disse de Mallet, o grande Mallet, que foi o baluarte da batalha; e, aos 23: “Recomendou que, a partir daquela noite, se abrisse em tôda a frente um largo e profundo fôssô, o que se faria em silêncio e sem estrépito”.

“As terras seriam espalhadas de modo a não formarem parapeito que desse a perceber ao inimigo que havia fortificações”, (14) e colocou em posição as suas bocas de fogo de 4, raiadas à La Hitte.

“As primeiras vagas de paraguaio morriam no fôssô intransponível de Mallet”; o mesmo acontecendo a todos os que se lhe seguiam.

“A trincheira de Mallet — diz Tasso Fragoso — representa papel idêntico ao de um rochedo na linha da costa contra o qual se vão despedaçar, impotentes, as vagas de um mar revolto”.

“Por aqui não entram” — exclamou Mallet com a antevisão da vitória, comandando fogo à sua “artilharia-revólver”, nome que recebeu pela cadência de tiro desenvolvida.

E Sampaio? “Sampaio — diz Dionísio Cerqueira — cavalgava, trajando um belo uniforme de general bordado a ouro, à frente das suas tropas; mandou estender linhas e avançar. O nosso ímpeto foi violento. O inimigo recuou até a mata. Voltou, depois, carregou sobre nós com bravura; retrocedemos, pelejando”.

“Os batalhões avançavam, a artilharia rugia rápida, infatigável a revólver: era um contínuo trovejar. Parecia uma tempestade. Cornetas soavam a carga; lanças se enristavam, crusavam-se as baionetas; rasgavam-se os corpos sadios dos heróis; espadas brandidas as duas mãos, como os montantes dos pares de Carlos Magno, abriam crâneos, cortavam braços, decepavam cabeças. Quadrados formavam-se aqui; além, ouvia-se o toque de “assembléia” e as linhas de atiradores se reuniam, ora em círculo, ora formando os quatro camadas de combate; ora era confusão imensa e cheia de fortes imprevistos.

“Surge no seu belo cavalo de combate, o general Osório, com o largo chapéu de feltro negro, o ponche flutuando deixando ver a gola bordada, a lança de ébano incrustada de prata na mão larga e robusta, e o olhar fascinante, dominando aquele cenário trágico de glória e de morte. Ouviu-se

um viva retumbante. De todos aquêles lábios sêcos, daquelas gargantes roucas, saiu imenso, entusiástico, um viva ao general Osório!

“Tudo se transformou ao tremular mágico da bandeira da lança legendária. A nossa infantaria avançou galvanizada por aquêlê homem imensamente amado”...

*
* *

Em Tuiuti, lutaram 56.200 homens e quatro nações. Foi a maior batalha, em efetivo, travada no solo sul-americano. Nela as melhores tropas de Lopez foram sacrificadas, e a sua cavalaria de 14.000 homens, de que tanto se orgulhava o ditador, ficou tão desfalcada que nunca mais poudê refazer-se, desaparecendo assim o poderio paraguaio. Em Tuiuti não houve exploração do terreno; não houve previsão, a não ser a clarividência de Mallet. E, sem conhecer a intenção do inimigo, o destacamento acampou e descansou; e a tropa, depois de rezar a ladainha, adormeceu na noite de 23 calma e serena. Entre as facções em luta, havia enorme desproporção de cavalaria — os paraguaios com 14.000 homens, e os aliados com 1.200; e a artilharia era desigual — o inimigo com 4 canhões e os aliados somavam 120.

Exaustos, os dois ficaram na inação após a batalha; vencedores e vencidos conservaram seus campos e nêles permaneceram dois anos, lutando contra tôdas as adversidades — bombardeio, doenças, desassossêgo e as infinitas saudades da Pátria e do lar distante. Nessa batalha, a guerra de movimento terminou; daí em diante, o inimigo se fortificou e se defendeu, lutando tenazmente e cedendo pouco a pouco o terreno. Empregamos então outros engenhos: o telégrafo elétrico, o aerostato inflado de hidrogênio e lastrado de limalha de ferro; e, com o tempo, armamentos mais modernos. Em Tuiuti, com a surpresa no início, todos lutaram individualmente, cada um por si; depois, gradualmente, com o crescimento da luta, os chefes conseguiram controlar aqui e ali, até que Osório, como predestinado, assumiu a conduta do combate, dominou-o, dirigiu-o e venceu-o, e a tremenda derrota iminente se transformou, em poucas horas, em brilhante vitória.

Tuiuti comprovou a nossa evolução militar ainda apegada às tradições portuguesas e a consciência da elite do exército, constituída pelos engenheiros militares, saídos da Escola Central e que provaram que o Ministro Felizardo não tinha muita razão em 1851, quando combateu o curso de engenharia, pois, quinze anos depois, em plena guerra, o Ministro Ferraz declarava: “Na verdade esta Escola (Central) no decurso da guerra atual já tem colhido glórias, adquiridas por alguns dos seus professores, e por uma grande parte dos seus alunos; e, ao passo que registra em seus fastos feitos brilhantes, lança, nas negras páginas do seu obituário, os nomes de muitos que, sustentando o seu renome, souberam com galharia, no campo da honra, defender os interesses e a dignidade nacional; e é grato recordar que nenhum de seus filhos mareou ainda sua reputação em qualquer serviço, em que tenha sido empregado”.

Na Guerra que travamos não possuíamos cartas e progredíamos no desconhecido. As “Comissões de Engenheiros” faziam os levantamentos e eram os “olhos do comando”, como dizia Caxias. O exército foi organizado com 83.000 homens e as perdas em mortes e extraviados subiram à 36.364 (Rel. 1870).

O Corpo de Engenheiros formou o arcabouço do grande exército.

Tuiuti foi marco decisivo para o Brasil, ela deu coesão e unidade à Tríplice Aliança, deu confiança e fixou a superioridade dos chefes brasileiros; e a iniciativa genial de Osório agigantou-o até a posição de comandante em chefe. Estabilizou a nossa configuração geográfica e liquidou de vez o sonho do Vice-Reinado do Prata; pois, vencidos os aliados, o carácter titubeante de Urquiza certamente o faria voltar atrás; a nossa derrota desarticulária a aglutinação dos platinos; Lopez ficaria à frente de um exército vitorioso, Mitre certamente cairia, e a discórdia no Uruguia e na Argentina engrandeceria o ditador paraguáio.

Tuiuti foi assim vitória decisiva na evolução das nações da Tríplice Aliança, na projeção social, econômica, geopolítica e militar.

Foi exemplo vivo da bravura invulgar, rapidez de recuperação, da capacidade de comando, da tenacidade e da ténpera do soldado brasileiro, e, sobretudo, do heroísmo, da bravura, do patriotismo, do domínio da vontade e do sentimento exato do cumprimento do dever.

FIGURAS

Figura 1 — Arma de Perderneira.

Figura 2 — Arma de Fulminante.

Figura 3 — Uniformes dos Oficiais do Estado Maior General em 1852:

- a) Marechal em primeiro uniforme;
- b) Brigadeiro, idem;
- c) Marechal de Campo, Vogal de Conselho de Guerra 2.^a fala, idem;
- d) Marechal de Campo em segundo uniforme.

Figura 4 — Uniformes do 2.^o Batalhão de Artilharia a Pé em 1852:

- a) Tenente em primeiro uniforme;
- b) Praça de pré, idem.

Figura — Uniformes dos Corpos do Rio Grande do Sul em 1857:

- a) Regimento de Artilharia a cavalo — praça de pré em pequeno uniforme;
- b) 3.^o Batalhão de fuzileiros — praças de pré em segundo uniforme;
- c) Piquete do Presidente da Província — praça de pré.
- d) 4.^o Regimento de Cavalaria — praça de pré em segundo uniforme,
- e) 5.^o Regimento de Cavalaria — praça de pré em segundo uniforme;

Figura 6 — Uniformes do Estado Maior General em 1865:

- a) oficial General em pequeno uniforme;
- b) idem.

Figura 7 — Uniforme do 1.^o Regimento de Artilharia a Cavalo em 1865-1872:

- a) cabo Clarim em pequeno uniforme;
- b) Capitão, idem;
- c) Sargento, uniforme de meia gala;
- d) Soldado com uniforme à Gaúcha.

Figura 8 — Uniforme da Cavalaria — 1866-1870:

- a) Oficial em segundo uniforme;
- b) Soldado, *idem*;
- c) Soldado, *idem*.

Figura 9 — Uniforme de Artilharia a pé em 1866-1870:

- a) Tenente em pequeno uniforme;
- b) Praça de pré, *idem*.

Figura 10 — Uniformes dos Voluntários da Pátria — 1865-1870:

- a) Coronel do 41.º Batalhão da Bahia, em segundo uniforme;
- b) Alferes do 7.º de S. Paulo, *idem*;
- c) Voluntários da Pátria em 2.º uniforme.

Figura 11 — Uniformes dos Voluntários da Pátria em 1865-1870:

- a) Capitão em segundo uniforme;
- b) Sargento, *idem*;
- c) Zuavo da Bahia;
- d) Voluntários em segundo uniforme,
- e) *Idem*.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — GENSERICO DE VASCONCELLOS — História Militar do Brasil.
- 2 — Relatórios dos Ministros da Guerra de 1850 a 1870.
- 3 — TASSO FRAGOSO — História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai.
- 4 — AFFONSO DE CARVALHO — Caxias.
- 5 — J. B. BORMANN — Rosas e o Exército Aliado.
- 6 — Diário do Exército em operações sob o comando em Chefe do Gen. Sr. Marechal Marquês de Caxias.
- 7 — DIONISIO CERQUEIRA — Reminiscência da Campanha do Paraguai.
- 8 — PRETEXTATO DA SILVA — Os Generais do Exército Brasileiro.
- 9 — GUSTAVO BARROSO — História Militar do Brasil.
- 10 — GUSTAVO BARROSO — J. Washt Rodrigues — Uniformes do Exército Brasileiro — 1870-1922.
- 11 — LECÓR — Figurinos dos Uniformes Brasileiros — 1864.
- 12 — ALVARO E LARRÉE — Figurinos do Exército — (Decreto 3.620 — Fer. 1866).
- 13 — MANOEL GALVEZ — Jornadas de Agonia.
- 14 — R. J. DA CUNHA MATTOS — 1.º Regimento de Artilharia a Cavallo na batalha de 24 de maio — Jornal do Comércio de 24 de maio de 1908.
- 11 — HEITOR BORGES FORTES — Velhos Regimentos.
- 16 — NABUCO DE ARAÚJO — “Joaquim Nabuco — Um estadista do Império”.
- 17 — AURÉLIO LYRA TAVARES — Gen. Ex — Centenário da Morte de Vilagran Cabrita — conf. no E.C.M.E. — em 12-4-1966.